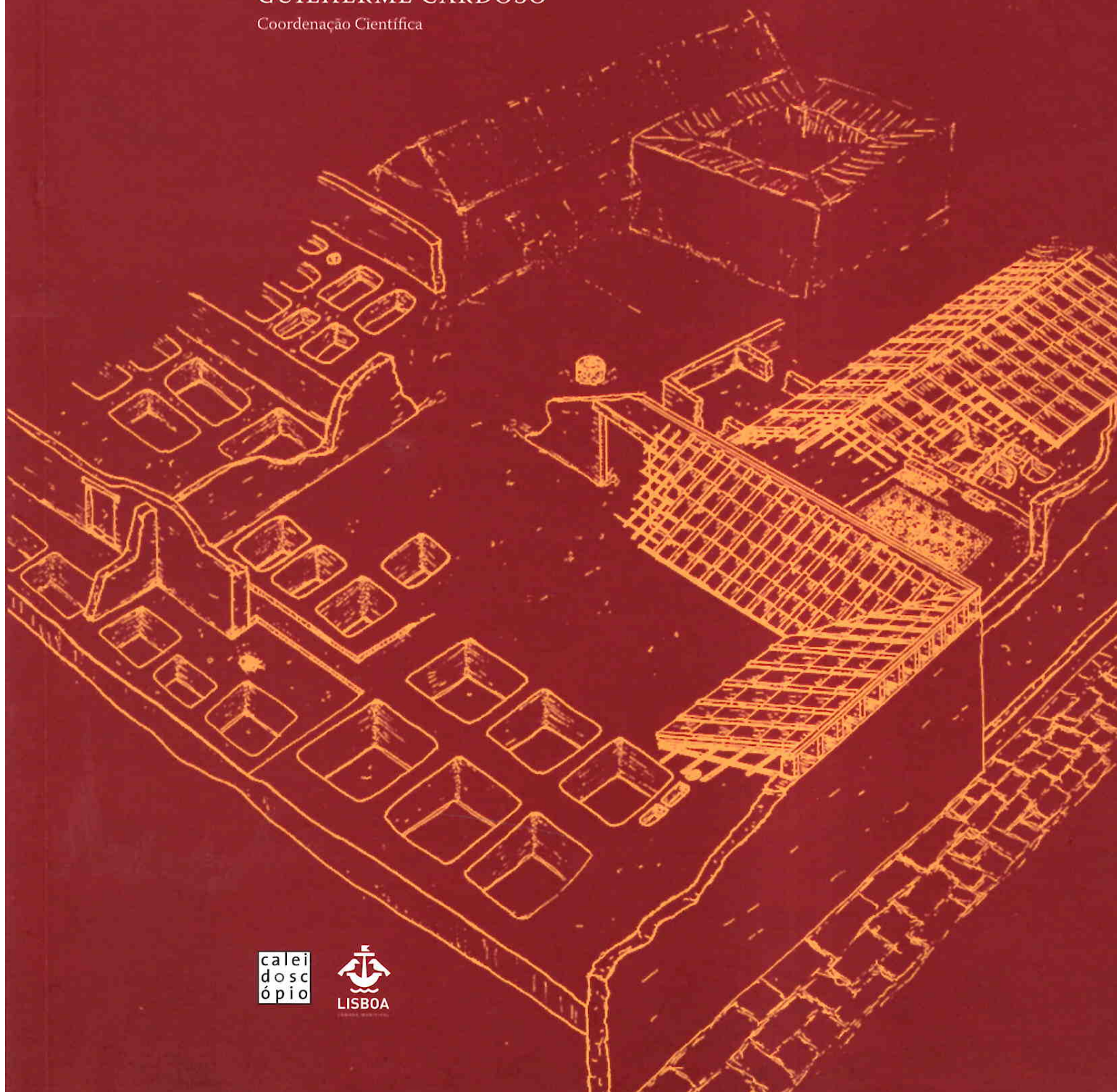


LISBOA
ROMANA FELICITAS IULIA OLISIPO

A cidade produtora (e consumidora)

CARLOS FABIÃO
CRISTINA NOZES
GUILHERME CARDOSO
Coordenação Científica



calei
do sc
ópio



LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A cidade produtora
(e consumidora)

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A cidade produtora (e consumidora)

CARLOS FABIÃO
CRISTINA NOZES
GUILHERME CARDOSO

Coordenação Científica

AMÍLCAR GUERRA
ANA BEATRIZ SANTOS
ANA CATARINA SOUSA
ANA CRISTINA FARINHA
ANDREIA CONCEIÇÃO
ANTÓNIO FIALHO
ANTÓNIO GONZALEZ
ARTUR ROCHA
CARLOS COSTA
CARLOS FABIÃO
CARLOS MARQUES DA SILVA
CARLOS PEREIRA
CAROLINA GRILO
CATARINA VIEGAS
CÉZER SANTOS
CLEIA DETRY
CRISTINA NOZES
EVA LEITÃO

GISELA ENCARNAÇÃO
GRAÇA CRAVINHO
GUILHERME CARDOSO
ISABEL CRISTINA F. FERNANDES
JOÃO PIMENTA
JORGE RAPOSO
JOSÉ CARLOS QUARESMA
LUÍS FERREIRA
LUÍSA BATALHA
MARTA MIRANDA
MICHELLE TEIXEIRA SANTOS
MIGUEL CORREIA
NOÉ CONEJO DELGADO
RUI ALMEIDA
SEVERINO RODRIGUES
SÓNIA GABRIEL
VANESSA DIAS
VICTOR FILIPE

Sumário

6 **Apresentação**

8 **Nota Introdutória**

Parte I

13 ***Felicitas Iulia Olisipo* uma cidade produtora (e consumidora)**

CARLOS FABIÃO

25 **A produção de preparados piscícolas**

CARLOS FABIÃO

37 **As primeiras conservas de sardinha de Lisboa**

SÓNIA GABRIEL

47 **Animais em Lisboa no período Romano: o que dizem os ossos**

CLEIA DETRY
ANA BEATRIZ SANTOS

63 **O fabrico de ânforas no estuário do Tejo**

CARLOS FABIÃO

73 **O vinho Olisiponense no contexto da Lusitânia**

CARLOS FABIÃO

87 **O cavalo na Lisboa Romana**

CLEIA DETRY
CARLOS FABIÃO

92 **Gaio Apuleio Diocles, Lusitano, o mais famoso auriga de todos os tempos**

AMÍLCAR GUERRA

95 **Produção local e de grande circulação. Objetos e estética**

CATARINA VIEGAS
CAROLINA GRILO

113 **Importação de alimentos**

VICTOR FILIPE
JOÃO PIMENTA
RUI ALMEIDA

127 **Rotas comerciais (comércio interno e externo)**

CATARINA VIEGAS
VICTOR FILIPE
JOÃO PIMENTA

Parte II

141 ***O Ager Olisiponensis*: matérias-primas e produtos**

GUILHERME CARDOSO
CRISTINA NOZES

153 **A Ocupação Romana no Município de Mafra**

MARTA MIRANDA
CARLOS PEREIRA
ANA CATARINA SOUSA
CARLOS COSTA

167 **O sítio romano das Almoínhas (Lisboa, Loures) e o *case study* “Loures nos séculos XIV e XV”**

ANA CRISTINA FARINHA

181 **Almoínhas, na periferia de *Olisipo*: produção regional de Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado (IEV) entre 190+ e 500+ d.C.**

JOSÉ CARLOS QUARESMA

189 ***Villa* Romana da Quinta da Bolacha (Amadora): uma importante estratigrafia para o comércio da península de Lisboa entre o último quartel do século III e o primeiro quartel do século VI d.C.**

JOSÉ CARLOS QUARESMA
NOÉ CONEJO DELGADO
GISELA ENCARNÇÃO
VANESSA DIAS

203 **A Calcedónia no Mundo Romano e a sua provável exploração na Falagueira, Amadora**

GRAÇA CRAVINHO
ANTÓNIO GONZALEZ

213 **Um tesouro na serra? Estudo de um conjunto peculiar da Serra de Carnaxide – via F, Amadora**

NOÉ CONEJO DELGADO
GISELA ENCARNÇÃO
VANESSA DIAS

225	A unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém (atual Hotel Palácio do Governador), em Belém (CNS 18071) CARLOS FABIÃO	308	Referências
235	Cetárias romanas de Cascais – Produções para <i>Olisipo</i> SEVERINO RODRIGUES	333	Lista de Autores
243	Achados Romanos no mar de Cascais ANTÓNIO FIALHO		
249	Olaria Romana na Margem Sul do Estuário do Tejo: ateliês e produções JORGE RAPOSO MIGUEL CORREIA MICHELLE TEIXEIRA SANTOS CÉZER SANTOS		
259	A Exploração Aurífera na Margem Sul: As galerias de Vale de Gatos e Silha do Alferes II (Seixal) CÉZER SANTOS JORGE RAPOSO CARLOS MARQUES DA SILVA		
269	Vestígios Romanos nos Territórios de Barreiro e Moita ANTÓNIO GONZALEZ LUÍSA BATALHA GUILHERME CARDOSO		
275	Indicadores do período romano em Palmela: Castelo e Alto da Queimada ISABEL CRISTINA F. FERNANDES MICHELLE TEIXEIRA SANTOS		
285	O <i>territori cempresicum</i> nas dinâmicas económicas costeiras LUÍS FERREIRA ANDREIA CONCEIÇÃO		
297	Exploração de rochas construtivas e ornamentais em época romana no <i>ager Olisiponensis</i> EVA LEITÃO GUILHERME CARDOSO		

Importação de Alimentos

VICTOR FILIPE
JOÃO PIMENTA
RUI ALMEIDA

Introdução

A implantação estratégica de *Olisipo* (Lisboa) e do seu porto marítimo está na base da relevância que a cidade alcançou, não só ao longo de todo o domínio romano, como também pós-romano, refletindo-se em momentos e situações tão diferentes como, por exemplo, desde os episódios de conquista mais recuados no tempo, no papel que desempenhou na campanha militar de Décimo Júnio Bruto em 138 a.C., ou nas navegações do Atlântico durante o Principado e Antiguidade Tardia, em que se constituiu como um local de paragem obrigatória. As principais tendências no comércio e consumo de produtos alimentares transportados em ânforas entre o terceiro quartel do século II a.C. e os séculos VI-VII d.C. em Lisboa constituem um reflexo da sua evolução política, económica, urbana e social no contexto da presença romana e pós-romana no Ocidente Peninsular. Essa imagem, intrínseca à cidade, torna-se especialmente útil no momento de estabelecer comparações com outros centros de consumo, procurando avaliar e contextualizar o seu papel à escala regional, provincial e do próprio Império.

Ao abordar o tema da importação de alimentos na cidade romana de *Olisipo*, temos que ter presente a limitação das fontes coligíveis, neste caso as materiais. Alguns dos bens alimentares comercializados durante a

época Clássica não deixaram qualquer vestígio no registo arqueológico, uma vez que eram transportados em contentores feitos de materiais orgânicos que apenas em condições excecionais se conservam. Entre estes, incluem-se produtos tão essenciais à dieta mediterrânica como os cereais, os frutos e as leguminosas, que terão certamente representado uma percentagem muito significativa nos artigos comercializados e consumidos.

Neste contexto, as ânforas, contentores de transporte feitos de cerâmica e, como tal, não perecíveis no registo arqueológico, constituem-se como artefactos singulares, na medida em que são fonte incontornável no conhecimento e na leitura das dinâmicas comerciais e económicas do mundo antigo. Embora fossem igualmente utilizadas para envasar grande diversidade de produtos, destinavam-se fundamentalmente a transportar azeite, vinho e preparados de peixe. Estes contentores, que se conservam em grandes quantidades no registo arqueológico terrestre e subaquático, abrem-nos as portas ao estudo da história económica da Antiguidade, permitindo aceder simultaneamente a três patamares do conhecimento: o tempo e o espaço em que determinada ânfora foi produzida e comercializada; o tipo e quantidade de alimentos produzidos e consumidos em determinado centro/região de produção e de consumo, respetivamente; e as rotas



FIG. 1
Localização de *Felicitas Iulia Olisipo* e principais centros urbanos da *Lusitania* e dos vales do Tejo e do Sado.

comerciais marítimas ou terrestres que cruzavam todos os territórios e que estabeleciam a ligação entre as diferentes regiões do Império.

Os estudos desenvolvidos nos últimos 30 anos, mas com notória incidência na última década, em torno dos conjuntos anfóricos exumados no subsolo da atual cidade permitem lidar com uma significativa amostra que torna a Lisboa romana um caso emblemático de estudo no âmbito da província da Lusitânia (Pimenta, 2005; Filipe, 2019, com referências). A amostra, de incontestável fiabilidade estatística, compreende mais de 10 000 fragmentos de ânfora e mais de quatro dezenas de locais, tanto no interior do *pomerium*, em áreas domésticas e públicas, como na sua cintura industrial e áreas de necrópoles, fornecendo, assim, uma perspetiva ampla da sua diacronia e dinâmicas funcionais.

Época Republicana (séculos II-I a.C.)

Olisipo era já um importante centro urbano antes da chegada dos romanos. Os primeiros contactos com o mundo itálico datam do terceiro quartel do século II a.C., no contexto da conquista e afirmação do poder de Roma no extremo ocidente peninsular. De acordo com o geógrafo Estrabão (III, 3.1), a cidade da foz do Tejo foi fortificada pelo procônsul *Decimus Junius Brutus* em 138 a.C., com o intuito de defender a retaguarda na campanha militar que promoveu contra os Lusitanos.

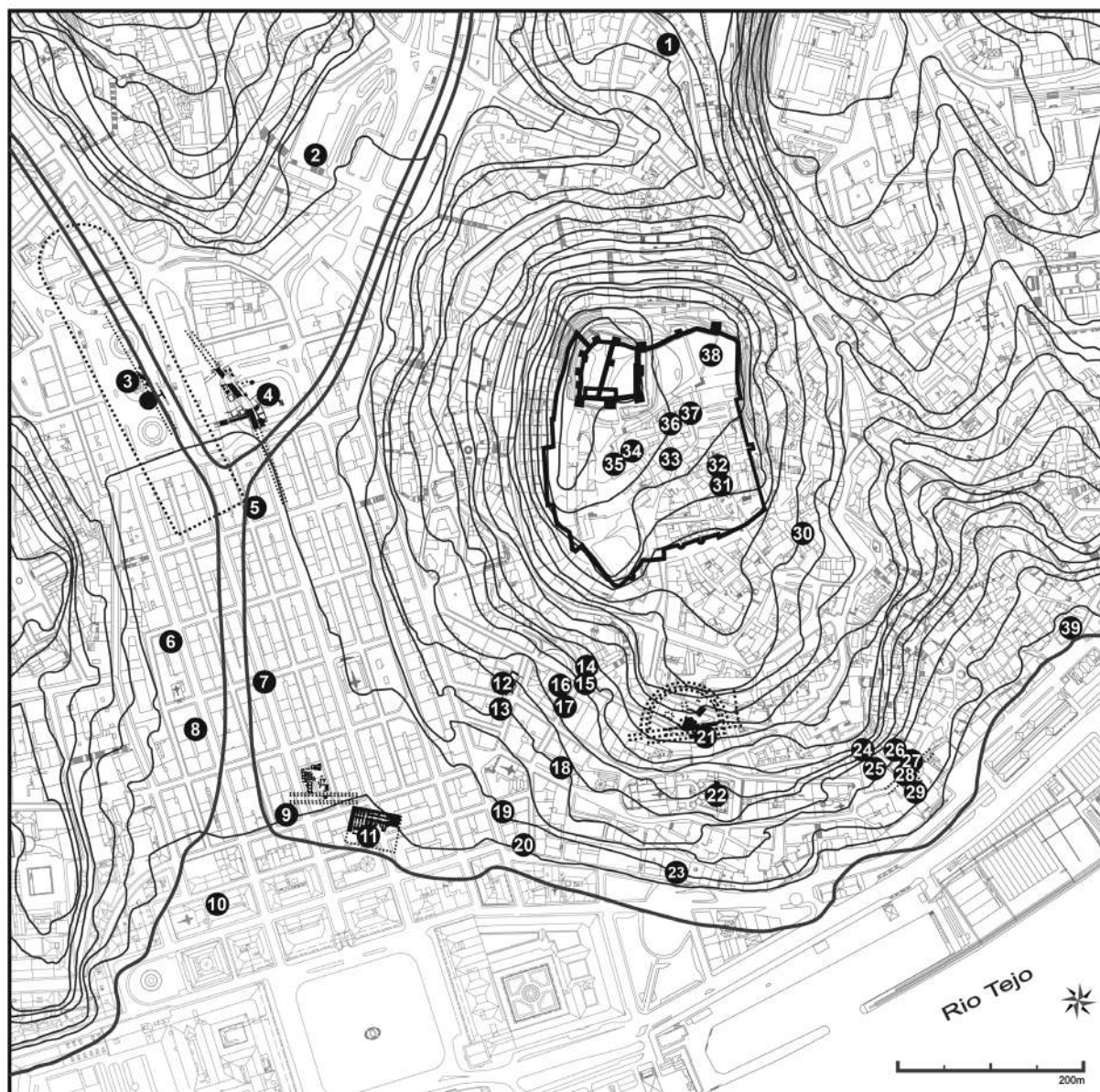
Sem que exista testemunho de uma tradição comercial anterior com o mundo itálico, é precisamente nesta fase que se assiste à chegada massiva de importações de produtos alimentares provenientes dessa área do mediterrâneo central, constituindo um dado eloquente do papel desempenhado pelo porto de *Olisipo* enquanto plataforma de apoio às campanhas militares de Roma nos territórios mais a Ocidente. Os contentores vinícolas da Península Itálica dominam de forma clara, em particular os produtos da área da costa tirrénica, transportados em ânforas dos tipos Greco-Itálico tardio e Dressel 1, mas igualmente nos mais raros contentores Ródios e de outros tipos helenísticos, provenientes do Egeu e de outros pontos menos precisos do Mediterrâneo Oriental. Surgem igualmente, ainda que em menor número, ânforas das costas apula, calabresa e adriática da Península Itálica, concretamente ânforas dos tipos Brindisi, Lamboglia 2 e Greco-Itálicas tardias. Paralelamente aos produtos itálicos, assiste-se a uma estreita conexão com o mundo de tradição púnica da área meridional da Península Ibérica, em particular com *Gadir* (a baía gaditana), e com o Norte de África, nomeadamente, a área líbio-tunisina.

No que se refere à primeira, a área do estreito de Gibraltar da *Hispania Ulterior*, estão bem representados os preparados

piscícolas de aí oriundos transportados em ânforas do tipo T.9.1.1.1. (CCNN) e T.7.4.3.3. (Mañá C2b) de Ramón Torres (1995). Estão também presentes imitações de Greco-itálicas e Dressel 1 produzidas na área meridional da *Ulterior*, reproduzindo modelos de contentores itálicos. No que concerne à área líbio-tunisina, está documentada a importação de azeite na presença de ânforas de tipo Africana Antiga (Pimenta, 2005, 2014; Filipe, 2019).

A partir do último quartel do século II a.C. parece existir um súbito decréscimo da importação do vinho itálico, o que pode relacionar-se com a redução dos contingentes militares neste território e com a perda de relevância estratégica de *Olisipo* como base logística nesse contexto.

A informação disponível na cidade para o século I a.C. é, de momento, menos expressiva, pelo menos em comparação com a exuberância dos contextos conhecidos para os primeiros momentos da presença itálica. Ainda assim, ao longo da primeira metade desta centúria verifica-se um paulatino aumento do abastecimento de produtos alimentares transportados em ânforas, que se torna mais evidente a partir do segundo quartel, ainda com um franco domínio do vinho itálico e dos produtos piscícolas da área da baía gaditana. Nesse lapso temporal enquadra-se o episódio das guerras Sertorianas (82-72 a.C.), que provocou um período de instabilidade no ocidente peninsular, e que terá certamente afetado as redes de abastecimento estabelecidas. Com o final desse conflito, o território peninsular parece ter atravessado um período de estabilidade. A situação veio a alterar-se com a vinda para a Hispânia, em 61-60 a.C., de C. Júlio César como *propretor* da *Ulterior* e com o decorrer da denominada segunda guerra Lusitana. As fontes escritas não são particularmente ricas no relato de aspetos relacionados com a organização e o avanço desta expedição. Sabemos



1- R. dos Lagares; 2- Encosta de Sant'Ana; 3- Circo Romano; 4- Praça da Figueira; 5- Hotel de Santa Justa; 6- Rua do Ouro, 197; 7- R. Augusta (1988); 8- R. do Ouro 133-145; 9- Zara; 10- Banco de Portugal; 11- Criptopórtico; 12- *Thermae Cassiorum* (1990'); 13- *Thermae Cassiorum* (2013); 14- S. Crispim; 15- Rua de S. Mamede; 16- Palácio Condes de Penafiel; 17- Clq. Correio Velho; 18- Lg. Sto. António; 19- R. da Madalena; 20- R. dos Bacalhoeiros; 21- Teatro Romano; 22- Claustros da Sé; 23- Casa dos Bicos; 24- Trv. das Merceeiras; 25- Beco do Marquês de Angeja; 26- Pátio Sr.ª de Murça; 27- R. S. João da Praça (2009); 28- R. S. João da Praça (2001); 29- Palácio do Marquês de Angeja; 30- FRESS; 31- R. do Recolhimento, 35; 32- Pátio José Pedreira; 33- R. Sta. Cruz do Castelo; 34- R. do Espírito Santo; 35- Palácio das Cozinhas; 36- Grupo Desportivo do Castelo; 37- Lg. de Santa Cruz do Castelo; 38- Praça Nova; 39- R. dos Remédios.

FIG. 2

Planta de Lisboa e localização dos locais de onde procedem as ânforas analisadas.

que César terá estabelecido o seu quartel-general na área de *Scallabis* (Santarém) e que teria avançado para Norte, apoiado por meios navais gaditanos. Embora não exista qualquer referência escrita ao papel desempenhado por *Olisipo*, a alusão à utilização de meios navais e a opção pelo Vale do Tejo

como base de operações levam-nos a considerar o impacto que esta expedição deverá ter tido no centro portuário da foz do Tejo.

Os dados relativos ao terceiro quartel do século I a.C. atestam um gradual aumento dos produtos produzidos nas várias regiões da *Hispania Ulterior*, demonstrado pelo

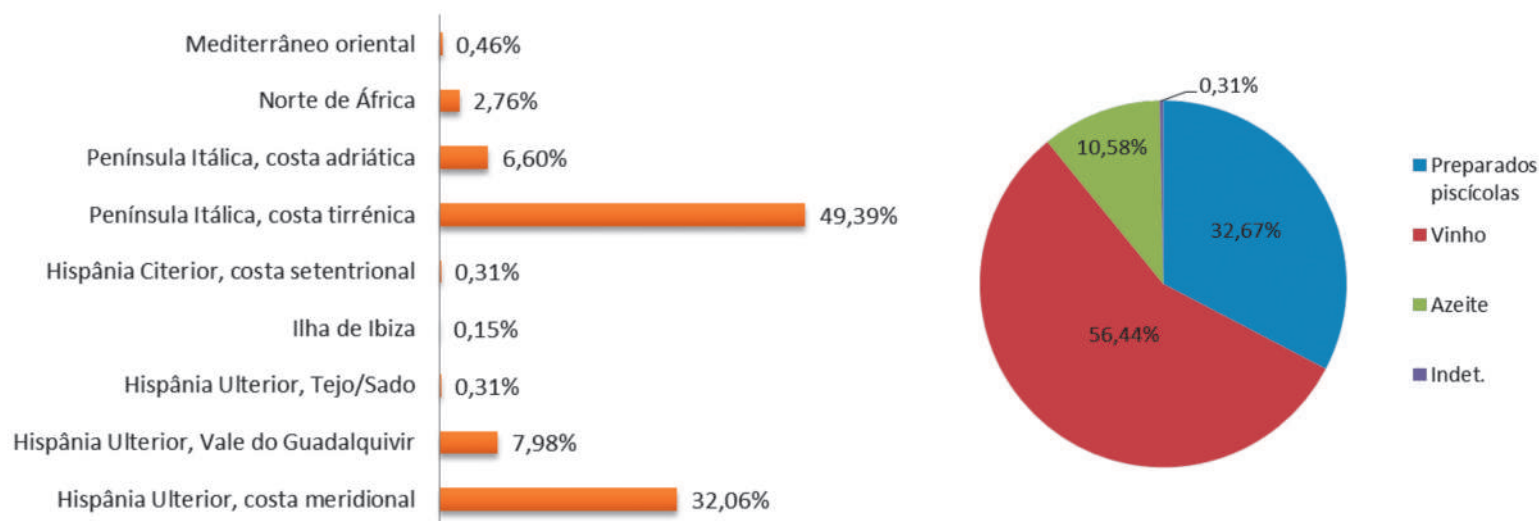


FIG. 3
Distribuição das ânforas de época romana republicana em Lisboa, por região de origem e por conteúdo. Universo da amostra: 652 indivíduos.

incremento das importações de vinho e azeite transportados numa variedade de ânforas de morfologia ovóide provenientes do Vale do Guadalquivir (o rio *Baetis*) (Ovóides 1, 4, 5 e 6) (García Vargas *et al.*, 2011; García Vargas *et al.*, 2019) e de preparados piscícolas da área meridional da *Ulterior*, envasados em contentores do tipo Ovóide Gaditana e do grupo das ânforas do tipo Dressel 7-11. Apesar deste aumento, a comparação dos dados de *Olisipo* com os disponíveis para outros sítios do baixo Tejo, como o núcleo urbano de *Scallabis* (Almeida, 2008) ou os prováveis estabelecimentos militares de Alto dos Cacos, Almeirim (Almeida e Pimenta, 2018) ou Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2014), causa alguma perplexidade. Entenda-se, a expressividade dos abastecimentos exógenos de produtos alimentares aí registados, em particular os procedentes do Vale do Guadalquivir, não encontram paralelo em Lisboa em termos de representação estatística. Tal, pode dever-se a questões de lógica de abastecimento institucional ao exército, aos quais *Olisipo*, pelo seu papel marginal nesta fase tardia do processo de conquista, parece passar ao lado.

Comparativamente com o século precedente, o panorama do consumo regista agora um maior equilíbrio entre os três principais tipos de produtos (vinho, preparados piscícolas, azeite), embora se mantenha a hegemonia do vinho, que procede agora sobretudo do Vale do Guadalquivir. Também desta região, importa registar o expressivo aumento na importação de azeite, enquanto os preparados piscícolas continuam a proceder em níveis consideráveis e de forma quase exclusiva da costa meridional da *Hispania Ulterior*. É ainda durante o terceiro quartel do século I a.C. que se inicia a produção das primeiras ânforas de características plenamente romanas no ocidente peninsular, concretamente nos vales dos rios Tejo e Sado (Almeida e Fabião, 2019, para uma mais recente síntese do tema).

O Principado (de Augusto ao final do século II d.C.)

Durante o Principado de Augusto verifica-se um conjunto importante de acontecimentos políticos e sociais que, de um modo convergente, teriam um grande impacto no desenvolvimento económico e comercial de *Olisipo*,

bem como de toda a província da Lusitânia. De entre esses, poder-se-ão destacar as importantes reformas político-administrativas levadas a cabo no Ocidente hispânico (Alarcão, 1990a; Fabião, 1993; Alarcão, 1994; Mantas, 1994), que desencadearam um expressivo desenvolvimento urbano na cidade, simbolicamente assinalado pela atribuição, logo entre 31 e 27 a.C., do estatuto jurídico-administrativo de *municipium civium romanorum* e da designação de *Felicitas Iulia Olisipo* (Faria, 1999). Paralelamente, as campanhas militares que nessa época decorreram no Noroeste Peninsular provocaram um importante impulso no comércio, promovendo, por um lado, o desenvolvimento da indústria piscícola e das atividades agropecuárias, e, por outro, a intensificação das relações comerciais entre a fachada atlântica da Península Ibérica e o Mediterrâneo. Um outro evento determinante foi a constituição da província da *Lusitania* e a fundação da sua capital, *Colonia Augusta Emerita*, com o estabelecimento dos veteranos das guerras setentrionais (Mantas, 1990; Fabião, 1993; Faria, 1999). *Olisipo* terá muito provavelmente sido a cidade que mais beneficiou com a fundação da capital provincial do ponto de vista económico e comercial, tendo-se constituído como o seu principal porto marítimo de abastecimento, vetusto entreposto comercial e polo de redistribuição para *Augusta Emerita*; por outras palavras, funcionando como a autêntica capital marítima da capital política da Lusitânia (Mantas, 1990).

O efeito desta conjuntura positiva é perfeitamente perceptível nos materiais anfóricos desta época identificados na cidade de Lisboa, observando-se, por um lado, um aumento na importação de produtos alimentares com origem em outras províncias e, por outro, a crescente representação dos artigos locais/regionais transportados em ânforas. O perfil de consumo na cidade de *Olisipo* durante o Principado de Augusto é essencialmente marcado pela continuidade da hegemonia

dos produtos da *Ulterior* / Bética, sobretudo oriundos do Vale do Guadalquivir, que, como anteriormente se referiu, pontificam nos mercados ocidentais a partir da segunda metade do século I a.C. Verifica-se que houve um aumento proporcional do consumo de azeite relativamente à fase anterior e consequentemente um maior equilíbrio entre o consumo desse artigo e o do vinho e preparados piscícolas. O azeite procedia então quase exclusivamente do Vale do Guadalquivir, transportado em ânforas do tipo Oberaden 83 / Ovóide 7 e, a partir da viragem da Era, nas ânforas do tipo Haltern 71. A exceção era constituída pelo azeite proveniente do Norte de África, escassamente documentado em Lisboa nesta fase pela presença das ânforas ditas Tripolitana I (Filipe, 2019).

Tal como na etapa anterior, também os artigos vitivinícolas continuavam a proceder principalmente do Vale do Guadalquivir, transportados sobretudo em ânforas do tipo Haltern 70 e, em menores proporções, nas de tipo *Urceus*. Ainda que em quantidades muito inferiores, aquela apreciada bebida era igualmente importada de outras regiões da Península Ibérica e do Mediterrâneo, concretamente da Tarraconense setentrional, da ilha de Ibiza, da Península Itálica e do Mediterrâneo Oriental, respetivamente. Quanto aos artigos locais/regionais, não é fácil precisar a sua representatividade durante a época de Augusto, tendo em conta os dados disponíveis. Todavia, e assumindo que as ânforas do tipo Haltern 70 lusitanas se destinariam ao transporte de vinho (Filipe, *no prelo*), os produtos locais deveriam já representar percentagens próximas às dos vinhos da Península Itálica ou da Tarraconense e Mediterrâneo Oriental.

Já no que se refere aos preparados piscícolas, as produções locais/regionais adquirem, nesta fase, um peso bem mais expressivo no consumo dos habitantes de *Olisipo*. É precisamente durante o Principado de Augusto

que se assiste a um significativo incremento da indústria piscícola lusitana, que então se desenvolveu com maior expressão nos vales dos rios Tejo e Sado, representando um importante impulso na economia regional e que se viria a tornar num dos mais relevantes motores económicos da Lusitânia.

Do incremento na indústria piscícola lusitana resulta uma alteração no perfil de consumo dos habitantes de *Olisipo*, traduzido na gradual diminuição das importações da região gaditana e numa maior representatividade dos artigos locais/regionais, que terão suplantado os béticos entre o final do Principado de Augusto e o início do de Tibério (Filipe, 2015, 2019).

Embora com algumas oscilações, este quadro de consumo manter-se-ia até ao principado de Cláudio/início do de Nero, em torno a meados/início do terceiro quartel do século I d.C., altura em que se atinge um apogeu no comércio de produtos alimentares transportados em ânforas. Do ponto de vista local/regional, este panorama resultou do crescimento da indústria piscícola lusitana, que se havia iniciado com Augusto. Já no que se refere às importações extraprovinciais, o seu incremento em meados do século I d.C. poderá refletir, uma vez mais, a importância do porto marítimo de *Olisipo*, tirando partido da sua localização estratégica no contexto da rota atlântica, que terá representado uma das principais rotas de abastecimento nas campanhas da conquista da *Britannia* empreendida por Cláudio (Fabião, 2009c; Remesal Rodríguez, 2010). A face mais visível dessas importações continuou a ser representada pelo azeite e vinho da *Baetica*: o primeiro agora transportado em ânforas do tipo Dressel 20 (na sua típica variante júlio-cláudia); o segundo, principalmente em variantes tardias da ânfora Haltern 70.

Este panorama alterou-se a partir do terceiro quartel do século I d.C., provavelmente nos últimos anos do principado

de Nero. Verifica-se então uma diminuição geral nas importações extraprovinciais, nomeadamente do azeite bético. Por outro lado, assiste-se a um aumento da presença dos produtos piscícolas locais/regionais, que passam a ser totalmente dominantes relativamente aos béticos, atingindo, a partir do final do século I d.C., percentagens a rondar os 90% do consumo deste tipo de artigos. Este cenário reflete um novo e significativo impulso na indústria piscícola lusitana a partir da segunda metade do século I d.C., representado pelo aparecimento de uma nova ânfora local, a Dressel 14, ânfora piscícola que seria amplamente produzida e comercializada até ao início do século III d.C., e pelo início da laboração de várias unidades de produção piscícola em *Olisipo*.

Deve sublinhar-se que a instalação das unidades de produção de preparados de peixe e o incremento da produção e exportação dos mesmos coloca questões de difícil ponderação. Provavelmente, muitas das ânforas do tipo Dressel 14 saídas das olarias do estuário do Tejo que se encontram nos contextos olisiponenses não serão uma expressão de consumos locais, mas somente ânforas que foram trazidas para a cidade com o intuito de receber estes preparados para posterior exportação e que, por qualquer motivo, se partiram e aqui ficaram abandonadas. A expressão quantitativa destes contentores deve pois ser fortemente matizada, na hora de avaliar a proveniência dos consumos locais. Bem entendido, o consumo dos preparados de peixe produzidos na cidade pelos seus habitantes poderia verificar-se sem a necessidade da intermediação de contentores de transporte, destinados preferencialmente a viajar para outras paragens.

Com a dinastia Flávia, na segunda metade do século I, observa-se uma subida da importação do azeite do Sul peninsular e uma quebra acentuada na importação de

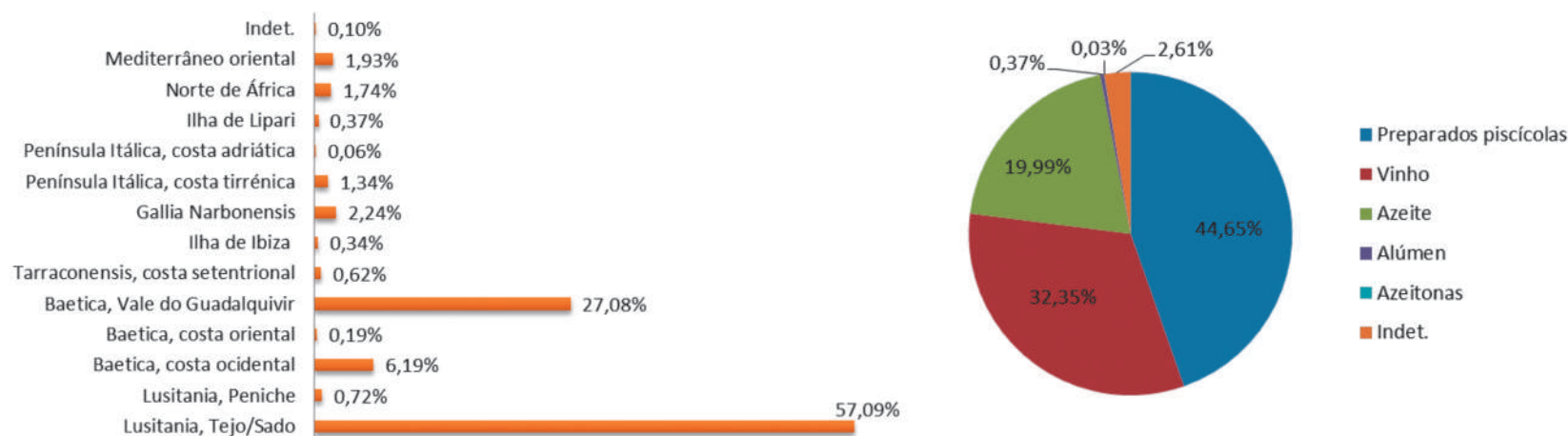


FIG. 4
Distribuição das ânforas do Principado em Lisboa, por região de origem e por conteúdo. Universo da amostra: 3 216 indivíduos.

vinho, principalmente refletido na escassa presença de ânforas do tipo Haltern 70 Flávia, coincidindo no registo arqueológico com a escassez de ânforas vinárias locais/regionais. Estas ânforas locais eram as últimas do tipo Haltern 70 lusitano (Filipe, *no prelo*) e, eventualmente, por outras ânforas que imitavam os tipos Dressel 28 e Dressel 2-4, que nunca adquiriram relevância estatística (Filipe, *no prelo*). A diminuição do comércio de vinho nesta época parece verificar-se em todo o Império, sendo normalmente associada ao grande desenvolvimento e disseminação da produção local e regional daquele produto (Tchernia, 1986; Fabião, 1998). Na Lusitânia, como em outros locais, a coincidência da escassez de ânforas vinárias importadas e locais/regionais parece constituir um indício da utilização preferencial de contentores feitos de materiais perecíveis durante a época Flávia, como odres e, principalmente, barris.

Esta fase marca o final da hegemonia do vinho bético, cuja importação desce a partir de então para percentagens muito baixas, observando-se, em contrapartida, uma maior importância dos vinhos oriundos da Gália, transportados principalmente em ânforas do tipo Gauloise 4, que viriam a representar a maior percentagem do vinho

importado de outras províncias do Império entre o séculos II e III d.C. Também os artigos do Mediterrâneo oriental parecem ter conhecido um incremento na sua importação para *Olisipo* a partir de meados do século I d.C., mantendo-se aparentemente em níveis estáveis durante todo o século seguinte. Este aumento da representatividade do vinho oriental, nomeadamente das ânforas Tardo-Ródias e das do tipo Dressel 2-4/5, poder-se-á relacionar, pelo menos em parte, com a incorporação destes artigos nos abastecimentos institucionais às províncias do Norte durante o principado de Cláudio, algo que está bem atestado na *Britannia* (Peacock, 1977, p. 170; Fabião, 1998, p. 183). Por outro lado, a importação do vinho de Itália transportado nas ânforas do tipo Dressel 2-4 deverá ter conhecido uma quebra muito acentuada nesta fase.

As principais tendências no perfil de consumo em *Olisipo* no final do século I d.C. manter-se-iam, em traços largos, durante o primeiro quartel do século seguinte. Apesar da redução das importações nesta fase ser atribuída por alguns autores a um abrandamento da economia do Império (Quaresma, 2012), este panorama não transmite necessariamente um quadro de declínio económico ou de diminuição da capacidade

aquisitiva dos habitantes de *Olisipo*. Antes pelo contrário, sugerem uma conjuntura económica positiva e um significativo desenvolvimento do ocidente peninsular, com destaque para a produção piscícola e vitivinícola, cujos produtos passaram a suplantiar os artigos que anteriormente eram importados de outras regiões (Filipe, 2019).

Ainda relativamente à descida do volume das importações extraprovinciais, haverá a considerar que foi sobretudo nos produtos oriundos da vizinha *Baetica* que se registou uma significativa quebra, o que, com exceção do azeite, se deverá relacionar diretamente com o expressivo desenvolvimento da atividade piscícola e vitivinícola na Lusitânia, principalmente nos vales dos rios Tejo e Sado. Será, talvez, mais relevante destacar a intensificação e diversificação das relações comerciais com regiões mais distantes que se assiste nesta altura, traduzida no aumento do volume das importações da Gália, da metade oriental do Mediterrâneo e do Norte de África.

O segundo quartel do século II d.C. foi acompanhado de uma subida significativa na importação de azeite do Vale do Guadalquivir, chegando em meados dessa centúria a alcançar valores idênticos aos registados um século antes. Este panorama ter-se-á mantido até ao final da dinastia antonina, coincidindo com a época de maior produção e distribuição do azeite bético (Berni Millet, 2008). A partir do final do século II d.C., com o início da dinastia Severa, assiste-se a um decréscimo considerável na importação deste artigo da *Baetica*, visível na fraca proporção da variante severa da ânfora do tipo Dressel 20, que atingiu níveis inferiores aos verificados durante a Época Flávia. Paralelamente, a partir de meados do século II d.C., observa-se uma tênue subida na chegada do azeite norte-africano a *Olisipo*, que conheceria um incremento gradual até ao século III, ainda

que nunca atingindo um volume que permitisse compensar a quebra nos produtos do Vale do Guadalquivir na fase mais tardia.

Relativamente ao consumo de vinho, o segundo quartel do século II d.C. é acompanhado por um aumento considerável da representatividade dos artigos locais/regionais envasados em ânforas de tipo Lusitana 3, que aumentaram exponencialmente durante a segunda metade deste século. Simultaneamente, ainda que em percentagens baixas, a importação dos artigos extraprovinciais parece ter registado uma certa estabilidade em relação à fase anterior, fundamentalmente nos vinhos oriundos da *Gallia* e do Mediterrâneo Oriental. Estão atestados, respetivamente, pelos tipos de ânforas de fundo plano do tipo Gauloise 4, e por ânforas Agora M54, Pompeia 13, Cretense 4, Tardo-Ródias e Dressel 2-4/5. Este quadro manteve-se, em termos gerais, até ao final da centúria, surgindo então em *Olisipo* outras formas vinárias do Mediterrâneo Oriental, como as ânforas dos tipos Agora M126 e Kapitän 2 (Filipe, 2019).

Este cenário é em tudo semelhante ao que se observa no consumo de preparados piscícolas nos três últimos quartéis do século II d.C., isto é, total preponderância dos produtos locais/regionais comercializados nas Dressel 14 e estabilidade do volume de importação das salgas de peixe béticas, que então chegavam ao porto de *Olisipo* transportadas principalmente em ânforas do tipo Beltrán IIB.

Antiguidade Tardia (séculos III-VII d.C.)

Apesar de nas duas últimas décadas se ter assistido a um importante aumento da informação disponível, os dados relativos à Antiguidade Tardia na cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* continuam a ser muito limitados e

parcelares. Por esse motivo, não é possível estabelecer para esta fase uma leitura da dinâmica comercial semelhante à que se ofereceu para os períodos precedentes, optando-se, assim, apenas por sublinhar algumas das principais tendências que parecem ter marcado a dinâmica comercial desta fase tardia.

A transição do século II para o III é marcada por um panorama generalizado de perturbação dos fluxos de exploração e exportação dos produtos piscícolas, que viria a conhecer uma expressiva retoma ainda no primeiro terço do século III (Fabião, 2009c; Mayet e Silva, 2010). Durante esta fase assiste-se a uma alteração dos repertórios anfóricos, marcada pelo final da produção da ânfora do tipo Dressel 14 e pelo aparecimento de novas formas, nomeadamente Keay XVI lusitanas, Almagro 50 e Almagro 51C.

Relativamente ao quadro de consumo, durante o século III a superioridade dos preparados de peixe face ao vinho e ao azeite parece ser ainda mais vincada do que no Principado. Os artigos piscícolas locais/regionais dominam amplamente, agora transportados naquelas novas ânforas. Paralelamente, assiste-se ao retorno da importação dos preparados piscícolas béticos em proporções muito significativas, atestado sobretudo pela presença expressiva das ânforas do tipo Keay XVI, mas também Keay XXII, Beltrán 72 e Almagro 51C. Estão igualmente presentes os artigos piscícolas do Norte de África, ainda que em reduzidas quantidades, atestados pelas ânforas de tipo Africana IIC (Sabrosa e Bugalhão, 2004; Filipe *et al.*, 2016; Amaro e Cardoso, 2017).

Uma vez mais, não devemos perder de vista a possibilidade de muitas destas ânforas locais não constituírem propriamente uma expressão do consumo, à semelhança do que atrás se comentou a respeito das ânforas do tipo Dressel 14.

No que se refere ao vinho, o seu consumo continuou a ser maioritariamente

representado pelas ânforas do tipo Lusitana 3, cuja produção terá durado até cerca de meados do século III (Filipe, 2019). Na segunda metade da centúria, os produtos vinícolas locais/regionais transportados em ânforas parecem ter conhecido um decréscimo, sendo unicamente representados pela ânfora do tipo Lusitana 9, que surge timidamente nesse século, e pela Rouxinol 35 (se se admitir um conteúdo vínico), um tipo minoritário com fraca representatividade estatística. Esta aparente quebra no consumo de vinho local/regional poderá, eventualmente, relacionar-se com um (novo) incremento na utilização de odres e/ou barris para o seu transporte, hipótese já anteriormente colocada (Fabião, 1998). Quanto às importações, embora os dados contextuais sejam escassos, parece ter-se igualmente verificado uma redução considerável no consumo de vinho extraprovincial, bem como na diversidade da sua origem. O vinho seria essencialmente proveniente da Gália, de onde continuava a chegar no interior das ânforas do tipo Gauloise 4, e do Mediterrâneo Oriental, de onde provinha, em quantidades muito reduzidas, transportado nas ânforas do tipo Kapitän 2 (Filipe, 2019).

Quanto ao azeite, ainda que se tenha registado uma queda no volume da sua importação, observa-se a continuidade do domínio dos produtos do Vale do Guadalquivir, transportados em ânforas da variante do século III do tipo Dressel 20, bem como nas Dressel 23 e Tejarillo 1 (Almeida e Filipe, 2013). Embora nesta centúria se verifique um aumento da sua representação, o azeite proveniente do Norte de África não atingiu as proporções do proveniente do Vale do Guadalquivir, estando atestado pela presença das ânforas dos tipos Africana I e Tripolitana III (Filipe, 2019).

O século IV correspondeu a uma fase de florescimento e de particular vigor da indústria piscícola lusitana, resultante da retoma

iniciada no século anterior (Fabião, 2009c). Embora a escassez de contextos dessa época na cidade de Lisboa dificulte a leitura dos ritmos de importação e consumo, o quadro não parece ter sofrido significativas alterações relativamente à segunda metade do século anterior. A presença das ânforas de fabrico local destinadas ao transporte dos preparados de peixe continuou a ser largamente dominante, ânforas do tipo Keay XVI lusitanas, Almagro 50 e Almagro 51C. Parece igualmente ter-se mantido uma significativa presença dos produtos de peixe oriundos da Bética, que continuaram a chegar a *Olisipo* nas ânforas dos tipos Keay XVI, Keay XXII, Beltrán 72, Almagro 51C e agora também nas do tipo Keay XIX (Gomes *et al.*, 2017).

Também no que se refere ao consumo de vinho se parece ter mantido o domínio dos artigos locais/regionais, envasados nas ânforas Lusitana 9, e, de igual forma, uma presença discreta das importações extraprovinciais. Estas últimas, difíceis de rastrear pela já referida escassez de contextos da época, deverão ser representadas pelas últimas ânforas do tipo Gauloise 4, da Gália, pelas Kapitän 2, do Mediterrâneo Oriental e, possivelmente, pelas Agora M254 do Mediterrâneo Central (Pimenta e Fabião, *no prelo*).

A importação do azeite do Vale do Guadalquivir manteve-se aparentemente maioritária ao longo do século IV, representada pelas ânforas Dressel 23. Todavia, haverá que considerar a possibilidade de várias ânforas provenientes do Norte de África poderem ter transportado este produto. Assim sendo, poderia ter-se verificado um maior equilíbrio entre a importação de azeite daquelas duas regiões. A questão do conteúdo das ânforas norte-africanas coloca-se não só para o azeite, como também para os preparados piscícolas e para o vinho, assuntos ainda mal esclarecidos para o período da Antiguidade Tardia.

Com o colapso da estrutura política do império romano do ocidente, as elites olisiponenses terão assumido um papel fulcral na reestruturação da vida da cidade face aos novos poderes vigentes. Tendo em conta a referência da *Crónica* de Idácio de Chaves, o rei suevo Remismundo tomou *Olisipona* em 469 graças à traição de um tal Lusídio, que viria a assumir papel de destaque no novo quadro político, tendo enviado esse mesmo governador em embaixada a Antémio, o imperador de Roma (Alarcão, 1994). Não se sabe ao certo quando é que os territórios do estuário do Tejo terão integrado o Reino Visigótico. Contudo, a ausência de referência à diocese de *Olisipo* na lista das divisões eclesiásticas do reino suévico, datada de 569, tem sido apontada como um indicador de que a cidade estaria então sob o domínio Godo (Alarcão, 1994).

As referências à diocese cristã de *Olisipona* remontam a meados do século IV, tendo os seus representantes marcado presença nos diversos concílios realizados na Península Ibérica, até aos finais do século VII (Jorge, 2002). Esta evidência é um significativo indicador da sua importância a nível regional durante a Antiguidade Tardia. Nesta nova fase, a cidade vai-se (re)estruturar em torno de novos espaços e novos poderes, em que a figura do bispo e os edifícios religiosos se destacam. No interior do espaço delimitado pelas muralhas, algumas intervenções permitem atestar profundas remodelações e transformações da cidade, visíveis, por exemplo, no abandono do Teatro (Diogo, 2000) ou na privatização de um dos *cardos* secundários da cidade, identificada no atual claustro da Sé (Amaro, 1995). Por último, a informação relativa à indústria piscícola aponta para um declínio e subsequente cessação da atividade em fase tardia, cuja cronologia exata se mantém ainda algo indefinida (Fabião, 2009a, com referências).

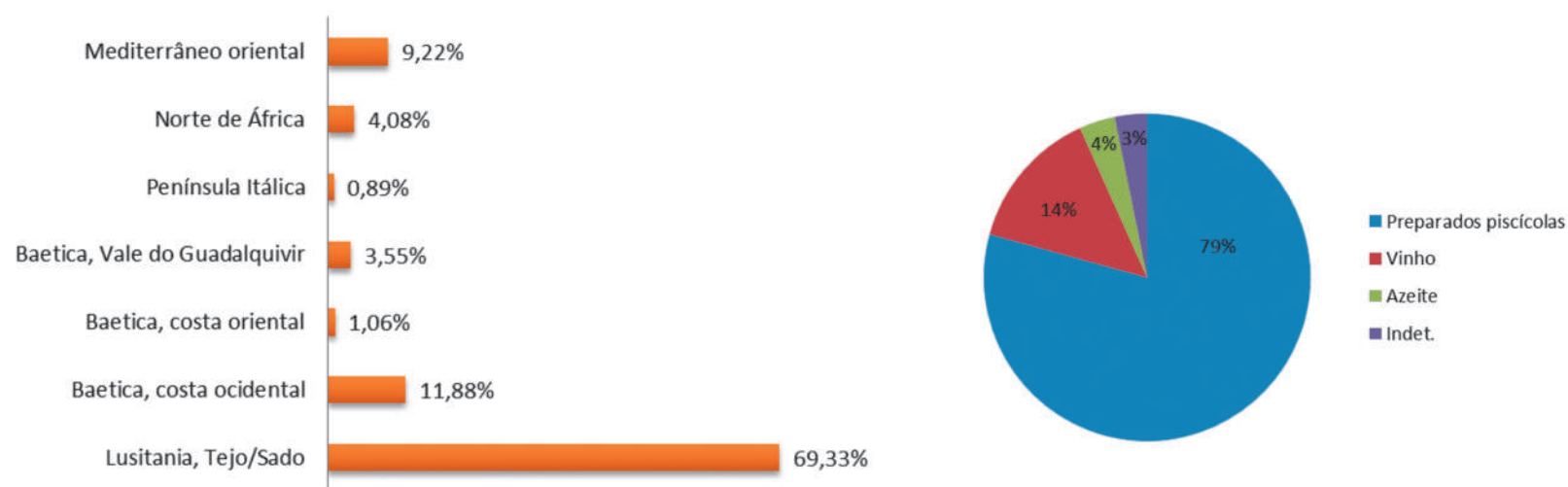


FIG. 5
Distribuição das ânforas tardias de Lisboa,
por região de origem e por conteúdo.
Universo e amostra: 564 indivíduos.

Embora os dados da importação de alimentos para a fase mais tardia sejam, como se disse, bastante limitados, os trabalhos recentemente publicados sobre os contextos tardios dos antigos armazéns Sommer (Pimenta e Fabião, *no prelo*), da Sé Catedral (Gaspar e Gomes, 2015), do Palácio dos Condes de Penafiel (Silva e De Man, 2012), das Escadinhas de São Crispim (Quaresma, 2020) e do NARC (Grilo *et al.*, 2013), permitem vislumbrar um panorama pautado por uma significativa dinâmica comercial.

Em linhas gerais, entre os meados do século V e o século VI d.C. destacam-se os contentores lusitanos produzidos nos vales dos rios Tejo e Sado, destinados ao transporte de preparados piscícolas. Estes surgem representados pelas ânforas das formas Almagro 51C, Almagro 50 e Almagro 51A-B, dominando esmagadoramente o registo arqueológico, embora, uma vez mais, nem todas representem consumo local. O panorama das importações extraprovinciais daquele tipo de produtos conhece então uma expressiva quebra, estando presentes em percentagens muito reduzidas os artigos da costa bética, com as ânforas de tipo La Orden, e, em proporções similares, os preparados piscícolas do Norte de África, transportados

nas ânforas do tipo Keay XXXVB (Pimenta e Fabião, *no prelo*).

O azeite proveniente do Vale do Guadalquivir terá continuado a chegar a *Olisipo* até ao século VI nas ânforas Dressel 23, tendo em conta os contextos da Sé Catedral (Gaspar e Gomes, 2015). Mais difícil de quantificar, pelos motivos já mencionados, é a mais que provável importação de azeite norte-africano durante esta época e a sua representatividade no quadro do consumo.

No mesmo período, verifica-se uma significativa alteração no panorama do consumo de vinho. Os produtos locais/regionais transportados em ânforas parecem desaparecer sensivelmente a partir de meados do século V com as últimas Lusitana 9 ou definitivamente este produto ter passado a ser difundido em outro tipo de contentores. Paralelamente, observa-se o retorno do grande comércio do vinho, especialmente visível na expressiva ocorrência das importações do Mediterrâneo Oriental. Está documentada em Lisboa a presença de ânforas do tipo Late Roman Amphorae 1, 2, 3, 4 e 8, sendo as duas primeiras as melhor representadas (Diogo, 2000; Pimenta e Fabião, *no prelo*). Refira-se também para a mesma época a importação de vinho da Península Itálica,

nas designadas ânforas tardias de Tipo A de Remolà Vallverdú (2000).

O aumento das importações do Mediterrâneo Oriental é um fenómeno comum em diversas cidades portuárias do ocidente a partir de meados do século V d.C. (Remolà Vallverdú, 2000), chegando juntamente com outros artigos de idêntica proveniência, como as cerâmicas finas, que se deveriam integrar nas mesmas rotas comerciais (Morais, 2005). Esta informação confirma o que de há muito era intuído, sobretudo com base na informação da Grã-Bretanha e Irlanda: a vitalidade da rota atlântica em época pós-romana (Fabião, 2009a). No fundo, a cidade de *Olysipona* regista um padrão de importações similar ao já conhecido para esta mesma época em cidades portuárias como Tarragona, Cartagena, Sevilha, Cádiz e Vigo, atestando o seu franco dinamismo. Esta leitura permite também problematizar outras questões, como a da continuidade das funções urbanas de receção/distribuição ou da continuidade da produção de preparados de peixe destinados à exportação após o ocaso do século V d.C., isto é, da continuidade em fase tardia dos sistemas de produção e distribuição que, manifestamente, sobreviveram longamente ao colapso político e administrativo do Império Romano do Ocidente.

Conclusão

Ao longo deste trabalho procurou-se definir, à luz do estado atual do conhecimento, as principais tendências no comércio de bens alimentares transportados em ânforas na cidade de *Olisipo* entre o período inicial da República Romana e a Antiguidade Tardia. O desenvolvimento mais alargado dos estudos sobre a cidade romana de Lisboa deverá trazer novos contributos que permitam um melhor enquadramento social, político e económico da

flutuação das importações anfóricas ao longo desta ampla diacronia.

A comparação dos dados de Lisboa com os de outras cidades romanas realça o papel particularmente relevante que esta cidade desempenhou no comércio da área ocidental do Império Romano, assumindo-se como o mais importante porto da fachada atlântica da Península Ibérica (Filipe, 2019). *Olisipo* terá certamente desempenhado um papel central na rota atlântica, que permitia estabelecer a ligação marítima entre as províncias romanas do Norte e o Mediterrâneo e garantia o abastecimento de carácter institucional aos contingentes militares estacionados na *Germania Inferior*, na *Britannia* e no Noroeste Peninsular (Fabião, 2009c; Carreras Monfort e Moraes, 2010; Remesal Rodríguez, 2010). *Felicitas Iulia Olisipo* terá sido também o principal porto marítimo no abastecimento de géneros alimentares à capital provincial, *Augusta Emerita*, e a outras cidades do interior.

Referências

- AA.VV. (1981) – *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*, I. *Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Impero)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- AA.VV. (1998) – *Da Vida e da Morte. Os romanos em Loures: Catálogo de exposição*. Loures: Câmara Municipal de Loures.
- AA.VV. (1999) – *Do Paleolítico ao Romano. Catálogo*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Adam, J. P. (1996) – *La construcción romana: materiales y técnicas*. León: Editorial de los Oficios.
- Adroher Auroux, A. (2014) – Cerâmica Gris Bruñida Republicana (GBR): el problema de las imitaciones en ceramología arqueológica. In Morais, R.; Fernández Fernández, A.; M. Sousa, M., eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispania* (Monografias Ex Officina Hispana; II:II). Porto: Universidade do Porto / Ex Officina Hispana, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 281-290.
- Alarcão, J., coord. (1990) – A produção e a circulação dos produtos. In Marques, A. H. O.; Serrão, J., dir. – *Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 409-441.
- Alarcão, J., coord. (1990a) – O Domínio Romano. In Marques, A. H. O.; Serrão, J., dir. – *Nova História de Portugal. Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença. 1, pp. 342-441.
- Alarcão, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Electa / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1998) – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXXVII, pp. 89-119.
- Alarcão, J. (2002) – *Scallabis* e o seu território. In Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J., coords. – *De Scallabis a Santarém. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 37-46.
- Alarcão, J. (2006) – As vias romanas de Olisipo a Augusta Emerita. *Conímbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XLV, pp. 211-251.
- Alarcão, A.; Mayet, F., eds. (1990) – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, Produção, Comércio (Actas das Jornadas de Estudo realizadas em Conímbriga em 13 e 14 de Outubro 1988)*. Coimbra: Museu Monográfico de Conímbriga.
- Almeida, M. J. (2017) – *De Augusta Emerita a Olisipo por Eborac: uma leitura do território a partir da rede viária*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa [Policopiada].
- Almeida, M. J.; Sousa, A. C. (1996) – O Povoamento Rural Romano no Concelho de Maфра. *Boletim Cultural* 95. Maфра: Câmara Municipal, pp. 205-214.
- Almeida, R. R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios* (Col.Lecció Instrumentaria; 28). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- Almeida, R. R. (2016) – On the way to Augusta Emerita. Historiographical overview, old and new data on fish-product amphorae and commerce within the trade of the capital of Lusitania. In Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Martin, A., eds – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford. Archaeopress, pp. 195-218.
- Almeida, R. R.; Fabião, C. (2019) – The 'early production' of Roman amphorae in Ulterior / Lusitania. State of play of a universe (still) under construction. In García Vargas, E.; Almeida, R. R.; González Cesteros, H.; Sáez Romero, A. M., eds. – *The Ovoid Amphorae in the Central and Western Mediterranean. Between the last two centuries of the Republic and the early days of the Roman Empire*. Oxford: Archaeopress, pp. 175-190.
- Almeida, R. R.; Filipe, V. (2013) – 50 anos depois: as ânforas da Praça da Figueira. In *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses (21-24 de Novembro de 2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 737-745.
- Almeida, R. R.; Pimenta, J. (2018) – Ânforas do Acampamento / Sítio romano de Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Onuba*. Huelva: Universidad de Huelva / Facultad de Humanidades. 6, pp. 3-56.
- Almeida, R. R.; Sánchez Hidalgo (2013) – Las ánforas Del Cuartel De Hernán Cortés: Nuevos Datos Para El Estudio De La Importación Y Consumo En Augusta Emerita. In Bernal, D.; Juan, L. C.; Bustamante, M.; Díaz, J. J.; Sáez, A.M., eds. – *I Congreso Internacional de la SECAH Ex Officina Hispana: Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania. Cádiz, 3-4 de marzo de 2011* (Monografias Ex Officina Hispana; 1). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz; San Martín de Valdeiglesias (Madrid): Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH). II, p. 49-58.
- Alonso Villalobos, C.; Gracia Prieto, F. J.; Ménanteau, L. (2003) – Las salinas de la Bahía de Cádiz durante la Antigüedad: visión geoarqueológica de un problema histórico. *SPAL – Revista de PreHistoria Y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 12, pp. 317-332. Disponível em WWW: (URL: <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2003.i12.13>).

- Alves, F.; Reiner, F.; Almeida, M. J. R.; Veríssimo, L. (1988/1989-1993) – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas Portuguesas. Contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na antiguidade. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV. 6-7, pp. 109-185.
- Alves, J. F. (1994) – Belém (Sítio de). In: Santana, F.; Suceña, E., dir. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 153-157.
- Amaro, C. (1995) – Urbanismo Tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica* (Monografies de la Secció Històrico-Arqueològica; IV). Barcelona: Institut D'Estudis Catalans, pp. 337-342.
- Amaro, C. (2001) – Presença muçulmana no claustro da Sé Catedral – três contextos com cerâmica islâmica. In *GARB – Sítios Islâmicos do Sul Peninsular / Sitios Islámicos del Sur Peninsular*. Lisboa / Mérida: Instituto Português do Património Arquitectónico / Junta de Extremadura, pp. 165-197.
- Amaro, C.; Cardoso, G. (2017) – A alimentação em Lisboa na época romana através das ânforas da Casa dos Bicos. In Senna-Martínez, J. C.; Martins, A. C.; Melo, A. Á. d.; Caessa, A.; Cameira, I., eds. – *Fragments de Arqueologia de Lisboa: Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: CML/ DMC/ DPC/ CAL | SGL/ Secção de Arqueologia. 1, pp. 55-65.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2016) – The Roman Figlina at Garrocheira (Benavente, Portugal) in the Early Empire. In Vaz Pinto, I.; Almeida, R.; Martin, A., eds. – *Lusitanian amphorae. Production and distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress, pp. 47-58.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2017) – A Olaria Romana da Garrocheira, Benavente: resultados de três intervenções arqueológicas. In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 89-112. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/2SiGf8F>).
- Amaro, C.; Manso, C.; Sepúlveda, E. (2013) – Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.
- Amores Carredano, F.; García Vargas, A.; González Acuña, D. (2007) – Ânforas tardoantigas en Hispalis (Sevilla, España) y el comercio Mediterráneo. In Bonifay, M.; Trégliá, J.-C., eds. – *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1662) Oxford: Archaeopress. I, pp. 133-146.
- Arce, J. (1988) – *España entre el mundo antiguo y el mundo medieval*. Madrid: Taurus.
- Arévalo González, A.; Mora Serrano, B. (2018) – Las monedas de las cetariae de Tradvcta. Un ejemplo e circulación monetaria en el estrecho de Gibraltar en la Antigüedad Tardía. In Bernal-Casasola, D.; Jiménez-Camino Álvarez, R., eds. – *Las cetariae de Iulia Tradvcta. Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calla San Nicolás de Algeciras (2001-2006)* (Monografias. Historia y Arte; 48). Cádiz: Universidad de Cádiz, Editorial UCA, pp. 655-718.
- Arruda, A. M. (1999/2000) – *Los Fenicios En Portugal: Fenicios y Mundo Indígena en el Centro y Sur de Portugal (Siglos VIII-VI a.C)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología Universidad Pompeu Fabra de Barcelona / Carrera Edició, S.L.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Bargão, P. (2005) – As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 1, pp. 279-297.
- Assis, C.; Amaro, C. (2006) – Estudo dos restos de peixe de dois sítios fabris de Olisipo. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a proto-história e a época romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7-9 Maio 2004* (Setúbal Arqueológica; 13). Setúbal: MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 123-144.
- Audoin-Rouzeau, F. (2005) – Compter et mesurer les os animaux. *Histoire & Mesure*. Éditions EHESS. 10, pp. 277-312.
- Azevêdo, M. T. M. (1982) – *O sinclinal de Albufeira, evolução pós-miocénica e reconstituição paleogeográfica*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 302 pp.
- Azevedo, P. A. de (1908) – Miscellanea. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português / Imprensa Municipal. 1.ª série. XIII, pp. 10-37.
- Babelon, E. (1897) – *Catalogue des camées antiques et modernes de la Bibliothèque National*. Paris: Ernest Leroux Éditeur.
- Balseiro García, A. (2016) – La acuñación de la conquista romana del Noroeste: monedas de la Caetra. In *Actas XV Congreso Nacional de Numismática. Madrid. 28-30 octubre 2014*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, pp. 1349-1352.
- Banha, C. M. S.; Arsénio, P. A. M. (1998) – As ânforas romanas vinárias de Seilium (Tomar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 1(2), pp. 165-190.
- Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro, M., coords. (2009) – *A Villa Romana da Sub-Serra de*

- Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA, Lisboa.
- Batalha, L.; Cardoso, G. (2020) – Fragmento de Ânfora Africana / Keay 6-7 do Vale de Alcântara (Lisboa). *Al-madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 23: 1, p. 162 [Consult. 21 agosto 2020]. Disponível em WWW: (URL: Al-Madan Online 23-1 by Al-Madan Online – Issuu).
- Batata, C. (2012) – Relatório final da escavação arqueológica realizada junto a Senhora do Ó, Carvoeira, Mafra. Arquivo da Câmara Municipal de Mafra [Policopiado].
- Beard, M.; Henderson, J. (1996) – *Antiguidade Clássica o essencial*. Lisboa: Gradiva.
- Becerra Fernández, D.; Tremblay Alés, L. (no prelo) – *Marmora en el Traianeum* de Itálica. Tipos, proporciones y procedencias. In *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Zafra. 9-11 de noviembre de 2018*.
- Belo, A. R. (1952-1955) – Nótulas sobre Arqueologia de Torres Vedras e seu termo. *Badaladas*. Torres Vedras: Fábrica da Igreja Paroquial de São Pedro e Santiago. 47: I, 50: IV, 93: XXXV e 127-130: XXXVIII-XLI, 01-02-1952, 15-03-1952, 01-01-1954 e 01-06-1955 – 15-07-1955 [várias páginas].
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) – Talleres de lucernas en Colonia Patricia Cordoba en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba, Área de Arqueología. 6, pp. 175-216.
- Bernal Casasola, D.; Sáez Romero, A. M. (2019) – Molinos rotatorios en las fábricas de *Tradvcta*: Estudio arqueológico y consideraciones sobre la producción de derivados piscícolas. In Casasola, D.; Jimenez- Camino R. A., eds. – *Las cetariae de Iulia Tradvcta: Resultados de las excavaciones arqueológicas en la calle San, Bernal – Nicolas de Algeciras (2001- 2006)* (Monografías Historia y Arte; 48). Cádiz: Universidad de Cádiz Editorial UCA, pp. 399-424.
- Berni Milet, P. (2008) – *Epigrafía anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis*. (Col.lecció Instrumenta; 29). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- Blázquez, J. M. (1990) – *Aportaciones al Estudio de la España en el Bajo Imperio*. Madrid: Istmo.
- Blot, J.-Y. (2010) – *Memórias de longo prazo e património histórico: o Thermopylae / Pedro Nunes (Aberdeen, 1868 / Cascais, 1907)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais [Parecer policopiado].
- Blot, J.-Y.; Diogo, A. D.; Almeida, M. J.; Venâncio, R.; Veriyya, Y.; Maricato, C.; Russo, J.; Bombico, S.; Frazão, V.; Amato, A.; Di Bartolo, M.; Blot, M. L. P.; Almeida, P.; Coelho, J.; Lucena, A.; Ruas, J. P.; Jorge, L. S. (2006) – O sítio submarino dos Cortiçais (Costa Meridional da Antiga Ilha de Peniche). In Venâncio, R., ed. – *Actas das 1.^{as} Jornadas de Arqueologia e Património da Região de Peniche. 3 e 4 de junho de 2005*. Peniche: Câmara Municipal de Peniche, pp. 157-226.
- Blot, M. L. P. (2003) – *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bombico, S. (2012) – Arqueologia Subaquática Romana em Portugal: evidências, perplexidades e dificuldades. In *Actas das IV Jornadas de jovens em investigação arqueológica – JIA 2011. Faro. 11 a 14 de maio de 2011* (Promontoria Monográfica; 16). Faro: Universidade do Algarve. II, pp. 99-106.
- Bonifay, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (BAR International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Bonifay, M.; Carré, M.-B.; Rigoir, Y., dirs. (1998) – *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (I^{er}-VII^e siècles ap. J.-C.)* (Travaux du Centre Camille-Julian; 22 / Études Massaliètes; 5). Paris: Errance / Lattes: A.D.A.M.
- Borges, M. (2015) – Portos e ancoradouros do litoral de Sintra-Cascais. Da Antiguidade à Idade Moderna (I). In *Jornadas do Mar 2014. Mar: Uma onda de Progresso*. Almada / Alfeite: Escola Naval, Base Naval de Lisboa, pp. 152-164.
- Borges, M. (2018) – Navegação comercial flúvio-marítima e povoamento no Ocidente do *Municipium* Olisiponense: em torno dos rios Lizandro (Mafra) e Colares (Sintra). In Soares, C.; Brandão, J.; Carvalho, P., coords. – *História Antiga: Relações Interdisciplinares Paisagens Urbanas, Rurais e Sociais* (Série Hvmánitas Svpplementum. Estudos Monográficos). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 219-255.
- Bost, J.-P.; Chaves, F. (1990) – Le rayonnement des ateliers de Pax Iulia, Ebora et Emerita : essai de géographie monétaire des réseaux urbains de la Lusitanie romaine à l'époque julio-claudienne. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires. Table Ronde internationale du CNRS. Talence. 8-9 décembre 1988* (Collection de la Maison des pays ibériques). Paris: Edition du Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pp. 115-121.
- Braga, T. (1885) – *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*. Lisboa: Livraria Ferreira Editora. II: II, pp. 45-248.
- Brak-Lamy, J. (1955) – Novos Elementos para o Conhecimento do Complexo Basáltico dos Arredores de Lisboa. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa: Sociedade Geológica de Portugal. XII, pp. 39-86.
- Brandão, D. P. (1972) – Epigrafia Romana Coliponense. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XI, pp. 41-192.
- Brazuna, S.; Coelho, M. (2012) – A Villa das Almoinhas (Loures). Trabalhos arqueológicos de diagnóstico e

- minimização. In Pimenta, J., coord. – *Atas mesa redonda: De Olisipo a Ierabriga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 103-114.
- Brun, J.-P. (1997) – Production de l'huile et du vin dans la Lusitanie romaine. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 36, pp. 45-72.
- Bugalhão, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo arqueológico da rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J.; Arruda, A.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) – Uma necrópole na praia: O cemitério romano do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16 (1), pp. 243-275.
- Bugalhão, J.; Gomes, A. S.; Sousa, M. J. (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarim Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 10 (1), pp. 317-343.
- Burnett, A.; Amandry, M.; Ripollès, P. P. (1992) – *Roman Provincial Coinage I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: The British Museum Press.
- Bustamante Álvarez, M. (2011) – *La cerámica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial: entre el consumo y la exportación*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Bustamante Álvarez, M. (2013a): *Terra sigillata hispánica en Augusta Emerita. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXV). Mérida: CSIC, Instituto de Arqueología de Mérida.
- Bustamante Álvarez, M. (2013b) – El trabajo artesanal en Augusta Emerita durante los ss. I-IV d.C. The artisan work in Augusta Emerita during the IInd to IVth century AD. *Zephyrus*. Salamanca: Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueología / Universidad de Salamanca. 72, pp. 113-138.
- Byrne, I. (1993) – A Rede Viária da Zona Oeste do Município Olisiponense (Mafra e Sintra). Sep. de *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II: 2, pp. 41-47.
- Cabello, A. M. (2008) – *Moneda e historia en tierras de Talavera de la Reina: Los hallazgos monetarios del yacimiento de El Saucedo*. Talavera de la Reina: Ayuntamiento de Talavera de la Reina.
- Cabral, J.; Cardoso, G. (1996) – Escavações arqueológicas junto à torre-porta do Castelo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 12, pp. 127-145.
- Cachão, M.; Freitas, M. C.; Guerra, A., coords. (2019) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: Território e Memória*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Caessa, A.; Mota, N.; Martins, P. V. (2020) – Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário. In Fabião, C., coord. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A morfologia urbana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Caleidoscópio, pp. 73-91.
- Callender, M. H. (1965) – *Roman Amphorae*. Oxford: University Press.
- Cardoso, G. (1984) – Rescaldo das cheias: Observações Arqueológicas (II). *Costa do Sol Jornal*. Cascais. 12/04/1984, p. 15.
- Cardoso, G. (1986) – Escavações eventuais na Vila de Cascais. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia; 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 49-53.
- Cardoso, G. (1991): *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G. (1992) – Cetárias colocadas a descoberto em Cascais. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 1, p. 95.
- Cardoso, G. (1995-1997) – Um tesouro monetário do Baixo-império na villa de Freiria (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Serie IV. 13-15, pp. 393-413.
- Cardoso, G. (2001) – O Castelo de Cascais. In *Arqueologia no Distrito de Lisboa: Alenquer, Cadaval e Cascais*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 15-20.
- Cardoso, G. (2002) – *Aspectos da Romanização do ager Olisiponensis*. Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo. Cáceres: Universidad de Extremadura, Departamento de Historia Área de Arqueología [Policopiado].
- Cardoso, G. (2006) – As cetárias da área urbana de Cascais. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal. 13, pp. 145-150.
- Cardoso, G. (2013) – Cerâmicas de imitação de sigillata tardia das villae de Freiria e de Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo. *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Se-cah*. Madrid: Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH). I, pp. 191-204.
- Cardoso, G. (2016) – *Estudo arqueológico de la "villa" romana de Freiria*. Tesis Doctoral. Cáceres: Repositorio Institucional de la Universidad de Extremadura.
- Cardoso, G. (2018a) – *Villa romana de Freiria: Estudo arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G. (2018b) – A circulação de bens entre Olisipo e o seu ager à luz do material anfórico e da "indústria" de tinturaria. In Senna-Martíez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., coords. – *Fragmentos de Arqueologia: Meios Vias e trajetos... Entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 123-134.

- Cardoso, G.; Cabral, J. (1988) – Apontamentos sobre os vestígios do antigo Castelo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 7, p. 77-90.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (1990) – Cascais no tempo dos romanos. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 1, pp. 59-72.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. d' (1999) – Economia agrícola da região de *Olisipo*: o exemplo do lagar de azeite da villa romana de Freiria. In Gorges, J.-G.; Rodríguez Martín, F. G., coords. – *Économie et territoire en Lusitanie romaine* (Collection de la Casa de Velázquez; 65). Madrid: Casa de Velázquez, pp. 391-401.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2007) – Achados na Praia de Alburrica, Barreiro. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15, p. 7.
- Cardoso, G.; Gonzalez, A. (2017) – Fragmento de bordo de ânfora Dressel 1 da praia de Alburrica, Barreiro. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 21, p. 7.
- Cardoso, G.; Luna, I. (2005) – Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste. Bombarral. 23 e 24 de Novembro de 2001*. Bombarral: Câmara Municipal do Bombarral – Museu Municipal do Bombarral, pp. 65-82.
- Cardoso, G.; Nozes, C., coords. (2021) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: O ager olisiponensis e as estruturas de povoamento*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (1996) – O Contexto Oleiro de Muge na Produção Romana do Médio e Baixo Tejo. In Filipe, G.; Raposo, J., eds. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 167-178.
- Cardoso, G.; Rodrigues, S. (2016) – Ânfora Romana Dressel 2-4 recolhida ao Largo do Cabo Espichel. *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 20-2, p. 110. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline20_2).
- Cardoso, J. L. (1993) – Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro: contribuição para o conhecimento da alimentação na Época Romana. In Silva, C. T.; Soares, J., eds. – *Ilha do Pessegueiro: porto romano da costa alentejana*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza, pp. 205-215.
- Cardoso, J. L. (2016) – Relatório dos restos de Fauna encontrados durante a escavação arqueológica do sítio de Freiria. In Cardoso, G. – *Estudio Arqueológico de la Villa Romana de Freira*. Tesis Doctoral. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 563-565.
- Cardoso, J. L.; Cardoso, G. (1993) – Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 4.
- Cardoso, J. L.; Guerra, A.; Fabião, C. (2011) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. – *Lucius Cornelius Bocchus escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina. Colóquio Internacional de Tróia. 6-8 de Outubro de 2010*. Lisboa / Madrid: Academia Portuguesa da História / Real Academia de la Historia, pp. 169-188.
- Cardoso, J. P. (2013) – *Ânforas Romanas Recuperadas em Meio Subaquático em Portugal*. Lisboa: CPAS – FCSH/ UNL [Policopiado].
- Carlà, F. (2009): *Loro nella tarda antichità: aspetti economici e social* (Collana del Dipartimento di storia dell'Università di Torino). Torino: Silvio Zamorani Editore.
- Carneiro, A. (2019) – A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização. In Serrão, V.; Moura Soares, C.; Carneiro, A., coords. – *Mármore 2000 anos de História*. Lisboa: Theya, pp. 55-120.
- Carreras Monfort, C.; Morais, R., eds. (2010) – *The Western Roman Atlantic Façade: a study of economy and trade in the Mar Exterior. From the Republic to the Principate* (BAR International Series; 2162). Oxford: BAR Publishing.
- Carvalho, A. (1999) – Evidências arqueológicas da produção de vinho nas *villae* romanas do território português. Grainhas de uva, alfaías vitícolas e lagares de vinho. In Gorges, J.-G.; Rodríguez Martín, F. G., coords. – *Économie et territoire en Lusitanie romaine. Actes et travaux réunis et présentés* (Collection de la Casa de Velázquez; 65). Madrid: Casa de Velázquez, pp. 361-391.
- Carvalho, A.; Freire, J. (2007) – Âncora de Pedra Recolhida ao largo da Guia (Cascais). *Al-madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 15, p. 113. Disponível em WWW: [URL: https://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_15].
- Carvalho, A.; Freire, J. (2011) – Cascais y la Ruta del Atlántico. El establecimiento de un puerto de abrigo en la costa de Cascais. Una primera propuesta. In Nogales, T.; Rodà, I., eds. – *Roma y las Provincias: modelo y difusión. Actas del XI Coloquio Internacional de Arte Romano Provincial. Mérida. Museo Nacional de Arte Romano. 18 – 21 de Mayo, 2009* (Hispania Antigua. Serie Arqueológica; 3). Roma: L'Erma di Bretschneider. II, pp. 727-735.
- Carvalho, A. M.; Almeida, F. J. (1996) – Aspectos económicos da Ocupação Romana na Foz do Tejo. In Filipe, G.; Raposo, J., coords. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal / Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações D. Quixote, pp. 137-156.
- Carvalho, A. R. (2002) – *Relatório da Intervenção Arqueológica no Mercado Velho de Palmela*. Câmara Municipal de Palmela [Policopiado].

- Casteel, R. (1976) – *Fish remains in archaeology and paleo-environmental studies*. London, New York and San Francisco: Academic Press.
- Castro, O. I. (1996) – *O Livro de Cozinha de Apício – um breviário do gosto imperial*. Sintra: Colares Editora.
- Cau Ontiveros, M. A.; Reynolds, P.; Bonifay, M., eds. (2011) – *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology: A review of the evidence, debate and new contexts*. (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 1). Oxford: Archaeopress.
- Cepeda, J. J. (2000) – *Maiorina Gloria Romanorum*. Monedas, tesoros y áreas de circulación en Hispania en el tránsito del siglo IV al siglo V. *AEspA*. Editorial CSIC. 73 (181-182), pp. 161-192.
- Cerrillo, E. M. C. (1984) – *La Vida Rural Romana en Extremadura*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- Chaves, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas de Portugal (Vestígios líticos, em concordância ou paralelismo, e na toponímia). *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Universidade de Lisboa / A Editora Limitada. IV, pp. 55-81.
- Choffat, P. (1912-1913) – Rapport géologique et économique sur les sables aurifères marins d'Adiça et sur d'autres dépôts aurifères de la côte occidentale de la Péninsule de Setúbal (1892). *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. 9, pp. 5-26.
- Cockle, H. (1981) – Pottery manufacture in Roman Egypt a new papyrus. *Journal of Roman Studies*. Cambridge: Cambridge University Press. 71, pp. 87-97.
- Coelho, A. S. (1982) – *Subsídios para a História da Amadora*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Coelho, C. (2002) – Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no Sítio Arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 5: 2, pp. 277-323.
- Colominas, L.; Schlumbaum, A.; Saña, M. (2014) – The impact of the Roman Empire on animal husbandry practices: study of the changes in cattle morphology in the north-east of the Iberian Peninsula through osteometric and ancient DNA analyses. *Archaeological and anthropological sciences*. Springer. 6 (1), pp. 1-16.
- Conceição, A. (2009) – Evidências da ocupação romana no concelho de Sesimbra. In *O tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 160-163.
- Conceição, A.; Ventura, J. (2009) – Arqueologia náutica e subaquática no concelho de Sesimbra. In *O tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 166-167.
- Conejo Delgado, N. (2019) – *Economía monetaria de las áreas rurales de Lusitania romana*. Tesis Doctoral Inédita. Sevilla / Lisboa: Universidad de Sevilla / Universidade de Lisboa.
- Corrales Aguiar, P. (2013) – Salamentum Sur-Hispano: apuntes para su estudio. *Revista Onoba: Revista de Arqueología y Antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 1, pp. 205-218.
- Correia, M. F. (2005) – Novos Dados para a Carta Arqueológica do Concelho de Alcochete. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 13, pp. 130-132.
- Correia, V. (1914) – No concelho de Sintra. Escavações e excursões. *O Archeologo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português / Imprensa Nacional. 1.ª Série. XIX, pp. 200-216.
- Cortez, M. C. (1994) – Casa do Governador da Torre de Belém. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, p. 226.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Bugalhão, J.; Cachão, M.; Currás, A. (2020) – O Mar de *Olisipo*. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, M., coords. – *Lisboa Romana Felicitas Iulia Olisipo: Território e Memória*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 20-39.
- Costa do Sol Jornal (1993) – *Cascais, porto de pesca na época romana*. Cascais, n.º 1294.
- Cravinho, G. (2017) – Gravação, Temática e Funções das Gemas Romanas. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II.ª Série. 21, pp. 25-31.
- Cruz, M. (2009) – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Cuomo di Caprio, N. (2007) – *Cerâmica in Archeologia 2: antiche tecniche di lavorazione e moderni metodi di invagine*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Currás, A.; Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Danielsen, R.; Bugalhão, J. (2020) – Landscape change and vegetation history in the city of Lisbon during Roman times and the Early Medieval Period. *The Holocene*. SAGE Publishing, I-II.
- Currás, B. X. (2017) – The *salinae* of O Areal (Vigo) and Roman salt production in NW Iberia. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 30, pp. 325-349. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-roman-archaeology>).
- Curtis, R. B. (1991) – *Garum and salsamenta: Production and Commerce in Materia Medica* (Studies in Ancient Medicine; 3). Leiden: E. J. Brill.
- Custódio, J. (1993) – Almada mineira, manufactureira e industrial. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 2, pp. 89-103.
- Davis, S. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 43). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Davis, S.; Gonçalves, A. (2017) – Animal remains from the 4th–5th century AD well at São Miguel de Odrinhas, Sintra, Portugal: tiny sheep and a dwarf dog. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 20, pp. 139-156.

- Depeyrot, G. (1992) – Le système monétaire de Dioclétien à la fin de l'Empire Romain. *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographie*. Bruxelles: Société Royale de Numismatique de Belgique. 138, pp. 33-106.
- Desbat, A.; Martin-Kilcher, S. (1989) – Les amphores sur l'axe Rhône-Rhin à l'époque d'Auguste. In *Amphores romaines et histoire économique. Dix ans de recherche. Actes du colloque de Sienne. 22-24 mai 1986* (Publications de l'École française de Rome; 114). Rome: École Française de Rome, pp. 339-365.
- Deserto, J.; Pereira, S. H. M. (2016) – *Estrabão, Geografia, Livro III*. Introdução, tradução do Grego e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em WWW: (URL: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1226-3>).
- Desse-Berset, N.; Desse, J. (2000) – Salsamenta, garum et autres préparations de poisson. Ce qu'en disent les os. *MEFRA (Mélanges de l'École Française de Rome – Antiquité)*. Publications École Française de Rome. 112 (1), pp. 73-97.
- Detry, C. (2007) – *Paleoecologia e Paleoeconomia do Baixo Tejo no Mesolítico: O contributo do estudo dos mamíferos dos concheiros de Muge*. PhD Dissertation, Universidad de Salamanca.
- Detry, C.; Arruda, A. M. (2012) – Acerca da influência ambiental e humana nos moluscos do Monte Molião (Lagos, Portugal). In Almeida, A. C.; Bettencourt, A. M. S.; Moura, D.; Monteiro-Rodrigues, S.; Alves, M. I. C., eds – *Environmental Changes and Human interaction along the western Atlantic edge/Mudanças ambientais e interação humana na fachada Atlântica ocidental*. Coimbra: APEQ, pp. 159-164.
- Detry, C.; Cardoso, J. L.; Bugalhão, J. (2016) – A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: resultados das escavações realizadas no núcleo arqueológico da rua dos Correeiros (Lisboa, Portugal). *Spal Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 25, pp. 67-82.
- Detry, C.; Pimenta, J. (2017) – Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum. *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 238-259.
- Detry, C.; Silva, C. T. (2016) – Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 19, pp. 235-248.
- Detry, C.; Silva, C. T.; Soares, J. (2017) – Estudo zooarqueológico da ocupação romano-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 20, pp. 113-127.
- Dias, I. (2018) – *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- Dias, M. I.; Trindade, M. J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A. L.; Prudêncio, M. I. (2012) – Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. In Dias, M. I.; Cardoso, J. L., eds. – *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria* (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 19). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp. 57-70.
- Dias, M. M., coord.; Gaspar, C. (2001) – *Epigrafia Latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer)* (Epigrafia do território português; 1). Lisboa: Centro de Estudos Clássicos / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 26-28.
- Diogo, A. M. D.; Cardoso, J. P. (1992) – Fundo de ânfora Lusitana 2 proveniente de Cascais. *Artefactos*. Lisboa. 1, p. 12.
- Dias, V. (2013) – A cerâmica campaniense proveniente dos sítios arqueológicos da cidade de Lisboa. Uma abordagem preliminar. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 717-726.
- Diogo, A. M. D. (2000) – As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3 (1), pp. 163-179.
- Diogo, A. M. D.; Alves, F. J. S. (1988-1989) – Ânforas provenientes de meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 6-7, pp. 227-240.
- Diogo, A. M. D.; Cardoso, J. P. (2000) – Ânforas béticas provenientes de um achado marítimo ao largo de Tavira, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 2, pp. 67-79.
- Diogo, A. M. D.; Cavaleiro Paixão, A. (2001) – Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 1, pp. 177-140.
- Diogo, A. M. D.; Costa, C. H. (2000) – Notícia de um conjunto de cerâmicas romanas encontradas nos arredores da Vila da Ericeira – concelho de Mafra. *Boletim Cultural'* 99. Mafra: Câmara Municipal, pp. 207-215.
- Diogo, A. M. D.; Costa, C. H. (2002) – Notícia do achado da estação romana do Casal Cordeiro, nos arredores da vila da Ericeira (concelho de Mafra). *Boletim Cultural'* 2001. Mafra: Câmara Municipal, pp. 333-338.
- Diogo, A. M. D.; Costa, C. H. (2005) – Materiais arqueológicos provenientes da Lapa da Serra. *Boletim Cultural'* 2004. Mafra: Câmara Municipal, pp. 412-420.
- Diogo, A. M. D.; Sepúlveda, E. (2000) – As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3 (1), pp. 153-161.

- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) – Ânforas e sigillatas tardias (claras, foceenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2 (2), pp. 83-95.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) – Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3 (1), pp. 181-205.
- Duhamel, P. (1974) – Les fours de Poitiers. *Les Dossiers de L'Archéologie*. Dijon: Éditions Faton. 6, pp. 54-66.
- Dumas, F. (1964) – *Épave Antiques*. Paris: G.-P. Maisonneuve et Larose.
- Duncan-Jones, R. (1974) – *The economy of the Roman Empire. Quantitative studies*. Cambridge: University Press.
- Edmondson, J. (1987) – *Two Industries in Roman Lusitania: Mining and Garum Production*. Oxford: BAR (IS-362).
- Encarnação, G. (2003) – A villa romana da Quinta da Bolacha. Um caso de Arqueologia Urbana. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora / ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora, pp. 107-116.
- Encarnação, G. (2011) – A Arqueologia de prevenção na Amadora. In Almeida, M. J.; Carvalho, A., eds. – *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias. Centro Cultural de Cascais. 25-27 de Setembro de 2008*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 311-321.
- Encarnação, G.; Brito, S. (2010) – *Serra de Carnaxide – Via F. Relatório final dos trabalhos arqueológicos efectuados entre março e outubro de 2009*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Encarnação, G.; Brito, S.; Granja, R.; Dias, V. (2017) – *Serra de Carnaxide – via F. Trabalhos arqueológicos de emergência realizados em 2009* (Relatórios; 11). Amadora: ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- Encarnação, G.; Dias, V. (2017) – Estado atual do conhecimento acerca do povoamento em época romana na Amadora. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 171-183.
- Encarnação, G.; Dias, V. (2020) – Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. – *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1361-1370.
- Encarnação, G.; Miranda, J. A.; Dias, V.; Duarte, V.; Duarte, C. (2019) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Trabalhos Arqueológicos realizados entre 1998 e 2015* (Relatórios; 12). Amadora: Câmara Municipal da Amadora / ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora.
- Encarnação, J. d' (1994) – *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Encarnação J. d' (2002) – *Cascais e os seus cantinhos*, Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Cascais.
- Encarnação, J. d' (2005) – *A presença romana em Cascais: um território da Lusitânia ocidental*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Cascais.
- Eschwege, W. L. (1831) – *Memoria Geognostica. Ou Golpe de vista do Perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á Serra da Arrabida, e sobre a sua idade relativa. Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typografia da Academia. 11, pp. 253-280.
- Étienne, R.; Makaroun, Y.; Mayet, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Diff. E. De Boccard.
- Étienne, R.; Mayet, F. (2002) – *Salaisons et sauces de poisson hispaniques. Trois clés pour l'économie de l'Hispanie romaine*. Paris: Diffusion E. De Boccard, II.
- Fabião, C. (1993) – O passado Proto-Histórico e Romano. In Mattoso, J., dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. I, pp. 77-201.
- Fabião, C. (1993-1994) – O azeite da Baetica na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 32-33, pp. 219-245.
- Fabião, C. (1996) – O Comércio dos Produtos da Lusitânia Transportados em Ânforas no Baixo Império. In Filipe, G.; Raposo, J., coords. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado: actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 329-342.
- Fabião, C. (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 1 (1), pp. 169-198.
- Fabião, C. (2000) – O sul da Lusitânia (Algarve português) e a Baetica: concorrência ou complementaridade? In *Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, aceite y vino de la Bética en el Imperio Romano. Sevilla-Écija*. 1998. Écija: Graficas Sol. II, pp. 717-730.
- Fabião, C. (2004) – Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L., eds. – *Figlinae Baeticae: Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)*. *Actas del Congreso internacional (Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003)* (*British Archaeological Reports, International Series*; 1266). Oxford: J. and E. Hedges Ltd. / Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz. 1, pp. 379-410.
- Fabião, C. (2009a) – O ocidente da Península Ibérica no século VI: Sobre um pentanummiu de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de

- peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Oeiras: ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA. 4, pp. 25-50.
- Fabião, C. (2009b) – Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na *Lusitania*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras / Câmara Municipal de Oeiras. 17, pp. 555-594.
- Fabião, C. (2009c) – A Dimensão Atlântica da Lusitânia: periferia ou charneira do império romano? In Gorges, J.-G.; Encarnação, J. d'; Nogales Basarrate, T.; Carvalho, A., eds. – *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana. Centro Cultural de Cascais, Museu Nacional de Arqueologia e Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas. 4 a 6 de novembro de 2004*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 53-74.
- Fabião, C., coord. (2020) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A Morfologia Urbana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Fabião, C. (2020a) – *Felicitas Iulia Olisipo*, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico. In Fabião, C., coord. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A Morfologia Urbana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 15-27.
- Fabião, C.; Guerra, A. (1993) – Sobre os conteúdos das ânforas da Lusitânia. In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1990)*. Coimbra: IA-IEC/FLUC, pp. 995-1016.
- Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. (2017) – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada. Disponível no repositório Institucional da FLUL em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/27927>).
- Fages, A.; Hanghøj, K.; Khan, N.; Gaunitz, C.; Seguin-Orlando, A.; Leonardi, M.; Orlando, L. (2019) – Tracking five millennia of horse management with extensive ancient genome time series. *Cell*. Cambridge (USA): Cell Press. 177 (6), pp.1419-1435.
- Faria, A. M. (1999) – Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2 (2), pp. 29-50.
- Fernandes, I. C. F. (2004) – *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. F. (2015) – Do ribât à comenda: marcas ideológicas e doutrinais na organização territorial e dos espaços fortificado. In Ayala Martínez, C. de; Fernandes, I. C. F., coords. – *Cristãos contra Muçulmanos na Idade Média Peninsular: bases ideológicas e doutrinais de um confronto (Sécs. X-XIV)*. Lisboa: Edições Colibri / Universidad Autónoma de Madrid, pp. 75-92.
- Fernandes, I. C. F.; Carvalho, A. R. (1993) – *Arqueologia em Palmela – 1988/92* (Catálogo de exposição). Palmela: Câmara Municipal de Palmela.
- Fernandes, I. C. F.; Carvalho, A. R. (1996) – Elementos para uma Carta Arqueológica do Período Romano no Concelho de Palmela. In Filipe, G.; Raposo, J., eds. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e Sado. Actas das I Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal / Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 111-135.
- Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T., coords. (2008) – *Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes*. Palmela: Município de Palmela.
- Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T. (2012) – Carta Arqueológica do Concelho de Palmela. In Fernandes I. C. F.; Santos, M. T., coords. – *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela, pp. 11-24.
- Fernandes, L. (2012) – A decoração arquitectónica de época romana – aspetos de centralidade / descentralidade entre o territorium Olisiponense e a capital da Lusitânia. In Pimenta, J., coord. – *Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 131-147.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A., coords. (2020) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A capital urbana de um município de cidadãos romanos, espaço(s) de representação e cidadania*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Fernandes, L.; Filipe, V. (2007) – Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, IP. 10 (2), pp. 229-253.
- Fernández Fernández, A. (2014) – *El comercio tardoantiguo (ss.IV-VII) en el Noroeste peninsular através del registro arqueológico de la Ría de Vigo* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 5). Oxford: Archaeopress.
- Fernandez García, M. I.; Gómez Martínez, E., coords. (2019) – *La cerámica de mesa romana en sus ámbitos de uso. Terra sigillata hispánica. I Encuentro de Investigadores. Andújar. 19 y 20 de octubre de 2018*. Andújar: Ayuntamiento de Andújar, pp. 299-348.
- Fernandez Nieto, F. J. (1970-1971) – Aurífer Tagus. *Zephyrus*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 21-22, pp. 245-259. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3okJNoJ>).
- Fernández Rodríguez, C. (2003) – *Ganadería, caza y animales de compañía en la Galicia romana: estudio arqueozoológico* (Brigantium: Boletín do Museu Arqueológico e Histórico da Coruña; 15). Coruña: Museu Arqueológico e Histórico, 238 p.
- Ferreira, L. (2015) – *Que futuro nestas ruas cheias de*

- memórias? A identidade histórica do espaço urbano no crescimento europeu 2020. O caso de estudo da vila de Sesimbra.* Dissertação de Doutoramento em História na especialidade de Arte, Património e Restauro. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 15-28, 36-39, 273-274.
- Ferreira, L.; Conceição, A. (2011) – URBCOM Sesimbra. Intervenção arqueológica na frente marítima da vila de Sesimbra. In Almeida, M.; Carvalho, A., eds. – *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias. Cascais. 25-27 de Setembro de 2008.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, pp. 293-310.
- Ferreira, S. (1903) – Lápides e inscrições. *O Correio de Mafra*. Mafra, 232-233 (16 jul. 1903; 23 jul. 1903).
- Fevrier, P. A.; Leveau, Ph., eds. (1982) – *Villes et Campagnes dans l'Empire Romain (Actes du Colloque organisé à Aix-en-Provence, 1980).* Aix-en-Provence : Université de Provence.
- Figueira, A. (2018) – *A cerâmica comum da villa romana da Quinta da Bolacha (Amadora, Portugal).* Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Policopiado].
- Figueiredo, A. M. (1906) – Ruines d'antiques établissements a salaisons sur le littoral sud du Portugal. *Bulletin Hispanique*. Bordeaux: Université de Bordeaux / Faculté des Lettres et Sciences Humaines. 8 (2), pp. 109-121.
- Filipe, G.; Raposo, J. M. C., dir. (1996) – *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado.* Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006/2007) – Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do Governador da Torre de Belém (Lisboa): uma primeira apresentação. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 103-118.
- Filipe, I. M. B. (2012) – *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana.* Dissertação de Mestrado em Pré História e Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL, em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6121>).
- Filipe, V. (2015) – As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006. *Spal Revista de Prehistoria y Arqueologia*. Sevilha: Universidad de Sevilla. 24, pp. 129-163.
- Filipe, V. (2019) – *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado.* Tese de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL, em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>).
- Filipe, V. (no prelo) – Las ánforas vinarias Alto-Imperiales de Lusitania: estado de la cuestión. *Lucentum*. Alicante: Universidad de Alicante, 40.
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. (2016) – Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega Domínguez, R.; Berni Millet, P., eds. – *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo* (Monografías Ex Officina Hispana; III-I). Tarragona: Instituto Catalán de Arqueología Clásica, pp. 423-445.
- Finley, M. (1981) – The Ancient City: from Foustel de Coulanges to Max Weber and beyond. In Shaw, B. D.; Saller, R. P., eds. – *Economy and Society in Ancient Greece*. London: Chatto & Windus, pp. 3-23.
- Finley, M. (1986) – *A Economia Antiga*. Porto: Afrontamento, 2.^a edição.
- Fonseca, C.; Bettencourt, J.; Quilhó, T. (2013) – Entalhes, Mechas e Cavilhas: evidências de um navio romano na praça D. Luís I (Lisboa). In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses – Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1185-1191.
- Freire, J.; Farinha, N.; Fialho, A.; Correia, F. (2007) – Contributo para o Estudo da Tecnologia Naval Romana, a Partir da Reconstrução Gráfica de um Navio Tipo *Corbita*. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 46, pp. 275-284.
- Freire, J.; Fialho, A. (2012) – Paisagem Cultural Marítima. Uma primeira aproximação ao litoral de Cascais. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos. Congresso Internacional de Arqueologia Moderna. Lisboa. 6 a 9 de abril de 2011.* (ArqueoArte; 1). Lisboa / Ponta Delgada: CHAM – Centro de História de Além-Mar | Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores. II, pp. 605-612.
- Freire, J.; Fialho, A. (2013) – A Paisagem Cultural Marítima de Cascais e o Modelo de Investigação e de Gestão do Litoral. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses – Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1213-1220.
- Freire, J.; Lacerda, M.; Gonçalves, J. A.; Cardoso, J. P.; Fialho, A. (2014) – A navegação romana no litoral de Cascais. Uma leitura a partir dos novos achados ao Largo da Guia. *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 19: I, pp. 36-43. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al_madanonline19_1).
- Freire, J. P.; Passos, C. (1933) – *Mafra. Notícia histórico-arqueológica e artística da vila e do paço conventual*. Porto: Litografia Nacional-Edições.
- Fulford, M. G.; Peacock, D. P. S., eds. (1984) – *Excavations at Carthage: the British mission. The Avenue President Habib Bourguiba, Salamambo: The pottery and other ceramic objects from the site*. Londres: The British Academy, I: 2.

- Gabriel, S. (2013) – *A produção de preparados piscícolas em Tróia (Grândola). Estudo de três amostras provenientes da Oficina 2* (Trabalhos do LARC; 1). Unpublished technical report. Lisboa: Laboratório de Arqueociências (LARC) / Direção-Geral do Património Cultural.
- Gabriel, S.; Fabião, C.; Filipe, I. (2009) – Fish remains from the Casa do Governador – a Roman fish processing factory in Lusitania. In Makowiecki, D.; Hamilton-Dyer, S.; Riddler, I.; Trzaska-Nartowski, N.; Makohonienko, M., eds. – *Fishes, culture, environment: through archaeoichthyology, ethnography & history: the 15th Meeting of the ICAZ Fish Remains Working Group (FRWG), September 3-9, 2009 in Poznań and Toruń, Poland* (Środowisko I Kultura | Environmente and Culture; 7). Poznań: Bogucki Wydawnictwo Naukowe, pp. 117-119.
- Gabriel, S.; Silva, C. T. (2016) – Fish Bones and Amphorae: New Evidence for the Production and Trade of Fish Products in Setúbal (Portugal). In Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Martin, A., eds. – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress Publishing Ltd.
- Gandra, M. J. (2014) – *A freguesia da Carvoeira (Mafra) de lés a lés*. Mafra / Rio de Janeiro: Instituto Mukharaj Brasilan & Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica-Cesdies.
- Gandra, M. J.; Caetano, A. (1995) – Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 94. Mafra: Câmara Municipal, pp. 243-306.
- García Figuerola, M. (1999) – *Cuatro estudios sobre AE2 teodosiano y su circulación en Hispania* (BAR International Series; 802). Oxford: Archaeopress.
- García Jíenez, I.; Zuleta Alejandro, F.; Prieto Reina, O. (2004) – El yacimiento romano de El Torno-Cementerio de San Isidro del Guadalete. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. – *Figlina e Baeticae: Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-VII d.C.)* (BAR International Series; 1266). Oxford: Archaeopress, 2, pp. 663-672.
- García Moreno, L. (1995) – Las Navegaciones Romanas por el Atlántico Norte: imperialismo y geografía fantástica. In Alonso Troncoso, V., coord. – *Guerra, Exploraciones y Navegación: del Mundo Antiguo a la Edad Moderna*. Coruña: Universidade da Coruña, pp. 101-110.
- García Vargas, E. (2015) – Ánforas vinarias de los contextos severianos del Patio de Banderas de Sevilla. In Aguilera Aragón, I.; Beltrán Lloris, F.; Dueñas Jiménez, M. J.; Lomba Serrano, C.; Paz Peralta, J. Á., eds. – *De las ánforas al museo. Estudios dedicados a Miguel Beltrán Lloris*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, pp. 395-412.
- García Vargas, E.; Almeida, R. R.; González Cesteros, H. (2011) – Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 20, pp. 185-283.
- Gaspar, A.; Gomes A. (2015) – Cerâmicas comuns da Antiguidade Tardia provenientes do Claustro da Sé de Lisboa – Portugal. In *Actas do X Congresso Internacional Cerâmica Medieval no Mediterrâneo, Silves e Mértola, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves/Mértola: Câmara Municipal de Silves / Campo Arqueológico de Mértola, pp. 689-698.
- Golani, A. (2013) – *Jewelry from the Iron Age II Levant* (Orbis Biblicus et Orientalis: Series Archaeologica; 34). Fribourg: Academic Press Fribourg / Vandenhoeck and Ruprecht Göttingen.
- Gomes, S.; Ponce, M.; Filipe, V. (2017) – A intervenção arqueológica no âmbito do projecto de arquitectura “Apartamentos Pedras Negras”. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B., eds. – *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26-28 de Novembro de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 348-365.
- Gonçalves, A. (2011) – *A Necrópole Romana do Casal do Rebolo (Almargem do Bispo, Sintra)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, H. B. (2005) – Identificação mineralógica de uma conta do povoado do Álamo (Sobral da Adiça, Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 8: 1, pp. 147-149.
- Gonçalves, J. A. (2013) – *Guia, Cepos de Chumbo. Relatório do estado de conservação e de intervenção de conservação e restauro*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Gonçalves, R.; Carvalho, J.; Torres, L.; Victor, L. M.; Raposo, J.; Sabrosa, A. (2000) – Métodos sísmicos e geoelectricos na detecção de galerias mineiras abandonadas. In *Resumos: 2.ª Assembleia Luso-Espanhola de Geodesia e Geofísica. Lagos. 8-12 Fevereiro 2000*. Universitas Olisiponensis / IGIDL, pp. 295-296.
- Gray, M. (2004) – *Geodiversity, valuing and conserving abiotic nature*. Chichester: Wiley & Sons, 434 pp.
- Grilo, C. (2013) – As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, 16, pp. 277-292.
- Grilo, C. (2014) – As cerâmicas de inspiração de sigillata do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. Primeira sistematização. In Morais, R.; Fernández Fernández, A.; Sousa, M. J., coords. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Monografias Ex Oficina Hispana; II-2). Porto/Madrid: Faculdade Letras da Universidade do Porto / Ex Oficina Hispana, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 85-98.
- Grilo, C. (2016) – A cerâmica comum de produção local e regional do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. Os contextos fabris. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R. B., eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26-28*

- de Novembro de 2015). Lisboa: CAL/DPC/DMC/Câmara Municipal de Lisboa, pp. 254-271.
- Grilo, C. (2020) – A cerâmica em Felicitas Iulia Olisipo, formas, funções e decorações. In Fernandes, L.; Fernandes, P. A., coords. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: A capital urbana de um município de cidadãos romanos, espaço(s) de representação e cidadania*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 162-173.
- Grilo, C.; Fabião, C.; Bugalhão, J. (2013) – Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (NARC), Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; César Neves, C., coords. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. 21-24 de Novembro de 2013*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 849-857.
- Grilo, C.; Fonseca, C.; Fernandes, L. (no prelo) – O espólio da intervenção da Rua da Saudade n.º 6: contextos crono-estratigráficos dos séculos I e II d.C. em *Felicitas Iulia Olisipo*. Monografias da SECAH.
- Grilo, C.; Santos, C. (2016-17) – A cerâmica comum da villa romana de Povos. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 86-115.
- Grimal, P.; Monod, T. (1952) – Sur la véritable nature du « garum ». *Revue des Études Anciennes*. Presses Universitaires de Bordeaux. LIV (1-2), pp. 27-38.
- Guerra, A. (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- Guerra, A. (2003) – Algumas notas sobre o mundo rural do território olisiponense e as suas gentes. In Santos, A. R. dos; Rodrigues, N. S.; Resende, T. K.; Guerra, A., coords. – *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 123-150.
- Guerra, A. (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7: 2, pp. 217-235.
- Guerra, A. (2006) – Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 9 (2), pp. 271-297.
- Guerra, A. (2018) – O contributo da epigrafia de Olisipo e do seu território para estudo da mobilidade no período romano. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., coords. – *Fragments de Arqueologia: Meios Vias e Trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 52-63.
- Guerra, A.; Cachão, M.; Freitas, M. C., coords. (2019) – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: O Território e a Memória*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio.
- Guerra, A.; Grilo, C. (no prelo) – 82. Almofariz com inscrição grega ΛΑΔΑ ΤΟC. Catálogo do NARC.
- Guiraud, H. (1996) – *Intailles et Camées Romains* (Collection Antiqua). Paris: Picard.
- Günther, R. T. (1987) – The oyster culture of the ancient Romans. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press. 4 (4), pp. 360-365.
- Harrell, J. A. (2012) – Gemstones. In Wendrich, W. ed. – *UCLA Encyclopedia of Egyptology*. Los Angeles: University of California. Disponível em WWW: (URL: <http://digital2.library.ucla.edu/viewItem.do?ark=21198/zz002czx1r>).
- Harrell, J. A.; Hoffmeier, J. K.; Williams, K. F. (2017) – Hebrew Gemstones in the Old Testament: A Lexical, Geological, and Archaeological Analysis. *Bulletin for Biblical Research*. Pennsylvania: Eisenbrauns / Penn State University Press. 27 (1), pp. 1-52.
- Hayes, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.
- Hayes, J. W. (2008) – *Roman pottery. Fine-ware imports* (Athenian Agora; XXXII) Princeton/New Jersey: The American School of Classical Studies at Athens.
- Henig, M. (1974) – *A Corpus of Roman Engraved Gemstones from British Sites: Part 2 Catalogue and Plates* (BAR British Series; 8). Oxford: British Archaeological Reports.
- Henig, M. (1990) – *The Content Family Collection of Ancient Cameos*. Oxford (England): Ashmolean Museum / Houlton, Maine (USA): Derek J. Content.
- Henriques, F.; Raposo, J. (2006) – Nota introdutória. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 14, p. 54.
- Hübner, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum II. Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: De Gruyter.
- Instituto Geológico e Mineiro (1999) – *Trabalhos de Sísmica de Reflexão e de Geoelectrica para a Detecção de Cavidades na Pista de Atletismo "Carla Sacramento" (Cruz de Pau, Seixal)*. Lisboa: IGM – Divisão de Geofísica [relatório não publicado].
- Joaquim, T. (1983) – *DAR À LUZ: Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto*. Amadora: Publicações Dom Quixote.
- Jorge, A. M. C. M. (2002) – *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité tardive (III – VII ème siècles)* (Trabalhos de Arqueologia; 21). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Juan Tovar, L. C. (2012) – Las cerámicas imitación de *sigillata* (CIS) en la Meseta norte durante el siglo V: nuevos testimonios y precisiones cronológicas. In Fernández Ibáñez, C.; Bohigas Roldán, R., coords. – *Durii regione romanitas. Estudios sobre la presencia romana en el valle del Duero en homenaje a Javier Cortes Alvarez de Miranda*. Palencia / Santander: Diputación Provincial de Palencia / Instituto de Prehistoria y Arqueología Sautuola, pp. 365-372.

- Kapitan, G. (1984) – Ancient anchors: technology and classification. *International Journal of Nautical Archaeology*. England, Portsmouth: Nautical Archaeology Society. 13 (1), pp. 33-34.
- Kunz, J. B. (1915) – *The Magic of Jewels and Charms*. Philadelphia & London: J. B. Lippincott Company.
- Lagóstena Barrios, L. (2001) – *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania Romana (II a.C.-VI d.C.)* (Col.lecció Instrumenta; 11). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Leão, D. F. (2004) – *Aristóteles, Os Económicos* (Introdução, notas e tradução). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa / Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Leeuwarden, W.V.; Janssen, C.R. (1985) – A preliminary palynological study of peat deposits near an oppidum in the lower Tagus valley, Portugal. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, pp. 225-236.
- Leitão, E.; Didelet, C.; Cardoso, G. (2017) – Análise espacial da área do município de Lisboa durante a Pré-história recente. In *Atas do III Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição – Estratégias de Povoamento: Da Pré-História à Proto-História* (Scientia Antiquitatis; 1). Évora: Universidade de Évora, pp. 155-176.
- Leitão, E.; Didelet, C.; Cardoso, G. (2018) – As Grutas do Vale de Alcântara. *Al Madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 22: 2, pp. 58-71. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline22_2).
- Leite, P. P. (2009) – *Memória da Herdade de Rio Frio*. Lisboa: Marca d'Água – Publicações e Projectos. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/39fRwQs>).
- Lencastre, J. (1999) – *Relatório de Mineralometria: Cruz de Pau*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro – Ministério da Economia, DPMM / Laboratório de Mineralometria [relatório não publicado].
- Leveau, P., ed. (1985) – *L'Origine des richesses dépensées dans la ville antique (Actes du Colloque organisé à Aix-en-Provence 1984)*. Aix-en-Provence: Université de Provence.
- Lopes, F. M. P. (1996) – Quadros sinópticos e mapas relativos aos subsídios para a carta arqueológica do concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 95. Mafra: Câmara Municipal, pp. 228-257.
- Lucas, A. (1934) – *Ancient Egyptian materials and industries*. London: E. Arnold & Company.
- Maciel, M. J.; Coutinho, H. (2001) – A utilização dos mármore em Portugal na época romana. *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto [Consult. 30 novembro 2020]. Disponível em WWW: (URL: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2860.pdf>).
- Mackensen, M. (2003) – Production of 3rd century sigillata A/C (C1-C2) or “El-Aouja ware and its transition to sigillata C3 with appliqué-decoration in central Tunisia. In *Rei Cretariae Romanae Fautores Acta 38: XXIIIrd Internacional Congress. Rome, 29. 9. – 6. 10. 2002*. Abingdon: RCRF, pp. 279-286.
- Mackinnon, M. (2010) – ‘Sick as a dog’: zooarchaeological evidence for pet dog health and welfare in the Roman world. *World Archaeology*. Oxfordshire: Routledge / Taylor & Francis Group. 42 (2), pp. 290-309.
- Man, A. (2006) – *Tratado de Ciência Militar. Vegécio*. Tradução, Estudo Introdutório e Notas (Clássicos do pensamento estratégico; 14). Lisboa: Edições Sílabo.
- Manique, L. P. (1947) – No oitavo centenário da tomada de Mafra aos Mouros – O castelo de Mafra. *Da Estremadura: Boletim da Junta de Província da Estremadura*. Lisboa: Edições da Junta de Província da Estremadura. 2.^a Série. XIV, pp.73-83.
- Mantas, V. (1982) – Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXI, pp. 5-99.
- Mantas, V. (1985) – Três inscrições romanas do concelho de Torres Vedras. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. XXIV, pp. 125-149.
- Mantas, V. (1990) – As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires. Table Ronde internationale du CNRS. Talence. 8-9 décembre 1988* (Collection de la Maison des Pays Ibériques). Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 149-205.
- Mantas, V. (1994) – Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Electa / Museu Nacional de Arqueologia / Lisboa Capital Europeia da Cultura 94, pp. 70-75.
- Mantas, V. (1995) – *Tecnologia Naval Romana*. Lisboa: Academia de Marinha.
- Mantas, V. (1998) – Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética. *Hvmanitas*. Coimbra: Universidade de Coimbra. L, pp. 199-239.
- Mantas, V. (2000) – *Portos Marítimos Romanos*. Lisboa: Academia de Marinha.
- Mantas, V. (2002-2003) – O Atlântico e o Império Romano. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Instituto de História Económica e Social / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 36 (2), pp. 445-467.
- Mantas, V. (2004) – Vias e portos na Lusitânia romana. In Gorges, J.-G., Cerrilo, E.; Nogales Basarrate, T., eds. – *V Mesa Redonda Internacional Sobre a Lusitania Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres. Facultad de Filosofía y Letras. 7, 8, y 9 de noviembre de 2002. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 427-453.
- Mantas, V. (2005) – Os magistrados olisiponenses do período romano. In *História das figuras do Poder* (Turres Veteras: VII). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras e Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”, pp. 21-56.

- Mantas, V. (2012a) – A estrada romana de Olisipo a Scalabis. Traçado e vestígios. In Pimenta, J., coord. – *Mesa Redonda “De Olisipo a Ierabriga”* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 7-23.
- Mantas, V. (2012b) – Os miliários como fontes históricas e arqueológicas. *Humanitas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 64, pp. 139-169.
- Mantas, V. (2012c) – *As vias romanas da Lusitânia* (Studia Lusitana; 7). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Mantas, V. (2014) – Navios e Portos na Antiguidade. In *Catálogo da Exposição: O Tempo Resgatado ao Mar*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 93-97.
- Mantas, V. (2018) – O município de Felicitas Iulia Olisipo e as viagens por terra e por mar. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., coords. – *Fragmentos de Arqueologia: Meios Vias e Trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 37-51.
- Manuppella, G., coord.; Antunes, M. T.; Pais, J.; Ramalho, M. M.; Rey, J. (1999) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 38B – Setúbal*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Geológico e Mineiro.
- Manuppella, G.; Zbyszewski, G.; Choffat, P.; Almeida, F. M. (2011) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34B – Loures*. Lisboa: Unidade de Geologia e Cartografia Geológica, Laboratório Nacional de Energia e Geologia.
- Marot, T. (2000-2001) – La Península Ibérica en los siglos V-VI: consideraciones sobre provisión, circulación y usos monetários. *Pyrenae*. Barcelona: Universitat de Barcelona / Departament de Prehistòria, Història Antiga i Arqueologia. 31-32, pp. 133-160.
- Marshall, F. H. (1907) – *Catalogue of the Finger Rings, Greek, Etruscan and Roman in the Departments of Antiquities*. London: British Museum.
- Martínez, S.; Gabriel, S.; Bugalhão, J. (2017) – 2500 anos de exploração de recursos aquáticos em Lisboa. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Melo, A. Á. de; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. – *Fragmentos da Arqueologia de Lisboa: Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da Cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 41-54.
- Martínez Maganto, J. (1992) – Las técnicas de pesca en la antigüedad y su implicación económica en el abastecimiento de las industrias de salazón. *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*. Madrid: Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid. 19, pp. 219-244.
- Mata, J. S. F. (1997) – As marinhas de sal do mosteiro de Santos nos séculos XIV e XV. In Fernandes, I. C. F.; Pacheco, P., coords. – *As Ordens Militares em Portugal e no sul da Europa. Actas do II Encontro sobre Ordens Militares. Palmela. 2, 3 e 4 de Outubro de 1992* (Actas & colóquios; 10). Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, pp. 205-216.
- Mateus, J. E.; Queiroz, P. F. (1997) – Aspectos do Desenvolvimento, da História e da Evolução da Vegetação do Litoral Norte Alentejano Durante o Holocénico. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. 11-12, pp. 49-68.
- Matias, C. (2004) – Serra do Socorro: uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. *Boletim Cultural’ 2003*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 308-358.
- Matias, C. (2005) – Epigrafia romana de Mafra. *Boletim Cultural’ 2004*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 73-131.
- Matias, C. (2019) – Epigrafia romana de Mafra (*in memoriam*). In Caessa, A.; R. Campos, R., coords. – *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo: Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Editora Caleidoscópio, pp. 144-168.
- Matolsci, J. (1970) – Historische Erforschung der Körpergrösse des Rindes auf Grund von ungarischem Knochenmaterial. *Zeitschrift für Tierzüchtung und Züchtungsbiologie / Journal of Animal Breeding and Genetics*. Wiley. 87, pp. 89-137.
- Matos, J. L. (1994) – As escavações no interior dos Claustros da Sé de Lisboa e o seu contributo para ao conhecimento das origens de Lisboa. In Moita, I., coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte / Lisboa 94 / Expo 98, pp. 32-34.
- Mattingly, H. (1968) – *The Roman Imperial Coinage, IX. Valentinian I – Theodosius I*. London: Spink & son.
- Mayet, F. (1984) – *Les céramiques sigillées Hispaniques: contribution à l’histoire économique de la Péninsule Iberique sous l’Empire Romain*. (Collection de la Maison des Pays Ibériques; 21). Bordeaux: Publications du Centre Pierre Paris.
- Mayet, F. (1990) – Mérida: capital économique ?. In *Les Villes de La Lusitanie Romaine, Hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du Centre National de Recherche Scientifique. Talence 1988*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, pp. 207-212.
- Mayet, F.; Silva, C. T. (1998) – *L’atelier d’amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Silva, C. T. (2002) – *L’atelier d’amphores d’Abul (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Silva, C. T. (2010) – Production d’amphores et production de salaisons de poisson: rythmes chronologiques sur l’estuaire du Sado. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 49, pp. 119-132.
- Meffre, J.-F.; Rigoir, J.; Rigoir, I. (1973) – Les dérivées des sigillées paléochrétiennes du groupe atlantique. *Gallia*. Paris: CNRS Éditions. 31 (1), pp. 207-263.

- Mercanti, M. P. (1979) – *Ancorae antiquae. Per una cronologia preliminare delle ancore del Mediterraneo*. Roma: l'Erma di Bretschneider.
- Miranda, J. A.; Encarnação, G. (1998) – *Villa romana da Quinta da Bolacha. Campanha de Abril/Maio de 1997* (Relatórios; 4). Amadora: ARQA.
- Miranda, J. A.; Encarnação, G.; Viegas, J. C.; Rocha, E.; Gonzalez, A. (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora.
- Monjardino, J. (2019): Património vegetal de Cascais. In Encarnação, J. d' coord. – *Dos Patrimónios de Cascais. Homenagem a João Cabral. Actas das comemorações dos 20 anos da Associação Cultural de Cascais*. Cascais: Associação Cultural de Cascais, pp. 15-21.
- Monteiro, J. L. (2012) – *Necrópole Romana do Porto dos Cacos (Alcochete, Portugal)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3fuIe4h>).
- Morais, R. (2005a) – From Oppidum to Dives Bracara: The city trade through the amphorae. In Gurt i Esparraguera, J. M.; Buxeda i Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. – *LRCW I, Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1340). Oxford: BAR Publishing, pp. 55-67.
- Morais, R. (2005b) – *Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial (Bracara Augusta)*. Escavações arqueológicas; 2). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho / Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Morais, R. (2007) – Contributo para o estudo da economia na Lusitania Romana. *Sagvtyvm – Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. València: Universitat de València, Facultat de Geografia i Història, Departament de Prehistòria i d'Arqueologia. 39, pp. 133-140.
- Morais, R. (2008) – Novos dados sobre as ânforas vinárias béticas de tipo *Urceus*. *SPAL Revista de Prehistoria y Arqueología*. Sevilla: Universidad de Sevilla. 17, pp. 267-280.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) – Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In Lagóstena Barrios, L.; Bernal Casasola, D.; Arévalo González, A., eds. – *Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad: Actas del congreso internacional. Cádiz. 7-9 noviembre de 2005* (British Archaeological Reports International Series; 1686). Oxford: John and Erica Hedges Ltd., Universidad de Cádiz, pp. 127-133.
- Morales Muñoz, A.; Albertini, D.; Sancho, F.B.; Cardoso, J. L.; Castaños, P. M.; Liesau von Lettow-Vorbeck, C.; Montero-Ponseti, S.; Nadal Lorenzo, J.; Nicolás Pérez, E.; Pérez Ripoll, M.; Pino Uria, B.; Riquelme Cantal, J. A. (1998) – A preliminary catalogue of Holocene equids from the Iberian Peninsula. In *Atti del XIII Congrès Union Internationale Sciences Prehistoriques et Protohistoriques – UISPP (Forlì, Italia, 1996)*. Forlì: A.B.A.C.O. Edizioni. 6 (1), pp. 65-81.
- Moreno-García, M.; Gabriel, S. (2001) – *Faunal remains from 3 islamic contexts at Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisbon* (Trabalhos do CIPA; 20). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Morillo Cerdan, A.; Fernández Ochoa, C.; Salido Domínguez, J. (2016) – Hispania and the Atlantic route in Roman times: new approaches to ports and trade. *Oxford Journal of Archaeology*. John Wiley & Sons Ltd. 35 (3), pp. 267-284.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R.; Filipe, V. (2017) – Apon-tamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de Olisipo. A intervenção arqueológica na Rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, pp. 149-206.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, pp. 149-177.
- Nabais, M. (2014) – Animal bones from the Roman site of Tróia (Grândola, Portugal): mammal and bird remains from the fish salting workshop 2 (2007/08). In Detry, C.; Dias, R., eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: Archaeopress, pp. 69-76.
- Neverov, O. (1976) – *Antique Intaglios in the Hermitage Collection*. Leningrad: Aurora Art Publishers.
- Nolen, J. (1988) – A villa romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os materiais. *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 27, pp. 61-140.
- Núñez Meneses, P. (2014) – La moneda lucense de la caetra. *OMNI – Revista Numismática*. Espanha: Editorial OMNI. 8, pp. 92-117. [Consult. 27 nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://www.wikimoneda.com/OMNI/revues/OMNI_8_SI2.pdf).
- Oliveira, A. C. (2001) – A *villa* das Almoínhas (Loures, Portugal). Apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 4.ª Série. 19, pp. 65-94.
- Oliveira, A. C. (2004) – Notícia sobre Novos Achados Arqueológicos em Loures. In *Arqueologia como Documento* (Catálogo de Exposição). Loures: Câmara Municipal de Loures, pp. 37-38.
- Oliveira, J. A. (1999) – *Organização do espaço e gestão de riquezas: Loures nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.
- Osório, M.; Marcos, P. (2018) – A origem do nome do rio Côa, a propósito do estudo da toponímia da antiga

- atividade mineira. *SABUCALE – Revista do Museu do Sabugal*. Sabugal: Museu do Sabugal. 9, pp. 7-54. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3IAf05t>).
- Pais, J.; Cunha, P.; Legoinha, P.; Dias, R. P.; Pereira, D.; Ramos, A. (2013) – III.6. Cenozóico das Bacias do Douro (sector ocidental), Mondego, Baixo Tejo e Alvalade. In Dias, R.; Araújo, A.; Terrinha, P.; Kullberg, J. C., coords. – *Geologia de Portugal*. Lisboa: Escolar Editora. II, pp. 461-532.
- Pais, J.; Moniz, C.; Cabral, J.; Cardoso, J. L.; Legoinha, P.; Machado, S.; Morais, C. A.; Lourenço, C.; Ribeiro, M. L.; Henriques, P.; Falé, P. (2006) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34-D Lisboa*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- Panella, C.; Rizzo, G. (2014) – *Ostia VI. Le Terme del Nuotatore*. Roma: “L’Erma” di Betschneider.
- Pannuzi, S. (2013) – La laguna di Ostia: produzione del sale e trasformazione del paesaggio dall’età antica all’età moderna. *Mélanges de l’École française de Rome – Moyen Âge*. Roma: École Française de Rome, 125-2. Disponível em WWW: (URL: <http://journals.openedition.org/mefrm/1507>).
- Parker, A. J. (1992) – *Ancient Shipwrecks of the Mediterranean and the Roman Provinces* (BAR International Series; 580). Oxford: Tempvs Reparatum.
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- Pascual Barea, J. (2017) – Equi ferus hispanus o cebro ibérico: el caballo salvaje de la Península Ibérica desde la Antigüedad a época Moderna. In Doyen, A. M.; Van den Abeele, B., eds. – *Chevaux, chiens, faucons: L’art vétérinaire antique et médiéval à travers les sources écrites, archéologiques et iconographiques*. (Textes, Études, Congrès; 28). Louvain-la-Neuve: Institut d’études médiévales (UCL), pp. 21-40.
- Pato, H. B. (2014) – Um mito (mal sentado): a cadeira de São Gens. In *Colóquio Conversas da Mouraria: História, Sociedade, Arte. Salão Nobre do Hospital de São José. 9 e 10 de Maio de 2014*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: https://www.academia.edu/37648368/Um_mito_mal_sentado_a_cadeira_de_S%C3%A3o_Gens).
- Peacock, D. P. S. (1977) – Roman amphorae: typology, fabrics and origins. In *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l’étude typologique des amphores. Actes du colloque de Rome, 27-29 mai 1974* (Publications de l’École française de Rome; 32). Rome: École Française de Rome, pp. 261-278.
- Peacock, D. P. S. (1982) – *Pottery in the Roman world, an ethnoarchaeological approach*. London and New York: Longman.
- Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1991) – *Amphorae and the roman economy: an introductory guide*. London: Longman.
- Peña Cervantes, Y. (2010) – *Torcularia. La proucción de vino y aceite en Hispania*. Tarragona: Institut Català d’Arqueologia Clàssica.
- Pereira, A.; Dias, J.; Laranjeira, M. (1994) – Evolução holocénica da linha de costa na baía de Lagos. In *Contribuições para a Geomorfologia e Dinâmica Litorais em Portugal*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, pp. 75-90.
- Pereira, C. (2013) – As lucernas de Alcácer do Sal: entre a prática e o sagrado. *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 17 (2), pp. 13-28. Disponível em WWW: (URL: Al-Madan Online 17-2 by Al-Madan Online – Issuu).
- Pereira, F. A. (1914) – Por Caminhos da Ericeira. *O Archeólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico Português / Imprensa Nacional. 1.ª série. XIX, pp. 324-362.
- Pereira, G. (1903) – *A Villa da Ericeira*. Lisboa: Typographia do Jornal – Dia.
- Pereira, G. (1910) – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa: A. M. Teixeira & Ca. (Filhos), Ld.ª.
- Pereira, L. F.; Santos, M. T. (2020) – A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. – *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1547-1572. [Consult. 27 nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL: https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/outras_publicacoes/III_congresso_actas/artigos/Art8.4_IIICAAP.pdf).
- Pimenta, J. (2003) – Contribuição para o estudo das ânforas do Castelo de São Jorge (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 341-362.
- Pimenta, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia; 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J., coord. (2013) – *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- Pimenta, J. (2014) – Os Contextos da conquista: Olisipo e Decimo Jvnio Bruto. In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. – *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Círculo Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 44-60.
- Pimenta, J. (2017) – Em Torno dos Mais Antigos Modelos de Ânfora de Produção Lusitana: os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana:*

- Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop. Actas de seminário/ateliê | proceedings of seminar/workshop*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 195-206.
- Pimenta, J.; Fabião, C. (no prelo) – Ânforas orientais em *Vlixippona* (Lisboa): a vitalidade da rota atlântica em época pós-romana. In *Simpósio A costa portuguesa no panorama da rota atlântica durante a época romana. Peniche, Auditório Municipal – Edifício Cultural. 16 a 18 de Novembro de 2006*.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) – O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.º 16-20) – Lisboa. In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. – *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 122-148.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2007) – A escavação de um troço da estrada romana Olisipo-Scalabbi, em Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IG-ESPAR, I.P. 10 (2), pp. 189-228.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2014) – Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. Um sítio singular para o estudo da romanização do Vale do Tejo. In *Actas da II Reunião Científica: As Paisagens da Romanização – Fortins e ocupação do território no séc. II a.C. – I d. C.* (Anejos de Archivo Español de Arqueologia; LXX). Lisboa / Madrid: Instituto de Arqueologia de Mérida / Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), pp. 125-142.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2015) – Em torno do faseamento da ocupação. In Pimenta, J., coord. – *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira – Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 107-111.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2016) – *Projecto PIPA 2014-2018. Monte dos Castelinhos e a romanização do baixo Tejo (MOCRATE). Relatório de Escavação Arqueológica – 2015*. Município de Vila Franca de Xira / Divisão de Património e Museus.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2016/2017) – Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. 5, pp. 207-237.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Norton, J. (2008) – O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série, 16, pp. 26-37.
- Pimenta, J.; Ribera I Lacombe, A.; Soria, V. (2018) – Le ceramiches a vernice nera italica dei livelli di fondazione di Olisipo e Valentia (140–130 a.C.). In Bernal Casasola, D.; Cvjeticanin, T.; Duggan, M.; Kenrick, P. M.; Menchelli, S.; Meyer-Freuler, C.; Slane, K. W., eds. – *30th Congress of the Rei Cretariæ Romanæ Favtorvm. New Perspectives on Roman Pottery: Regional Patterns in a Global Empire. Lisbon, Portugal, 25th September – 2nd October 2016*. Bona: *Rei Cretariæ Romanæ Favtorvm*. Acta 45, pp. 115-125.
- Pimenta, J.; Silva, R. B.; Calado, M. (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de Olisipo: a intervenção arqueológica urbana da Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 15. In Arruda, A., ed. – *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos (2005)*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. 2, pp. 724-735.
- Pimenta, J.; Soria, V.; Mendes, H. (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. In Fabião, C.; Pimenta, J., eds. – *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Cira Arqueologia; 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 86-121.
- Pinto, A. (2012) – Forno Romano da Pipa. In Pimenta, J., coord. – *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 158-167.
- Pinto, I. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusitana.
- Pinto, I. V.; Almeida, R. R.; Martin, A., eds. (2016) – *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 10). Oxford: Archaeopress.
- Pinto, I. V.; Lopes, C. (2006) – Ânforas das villae romanas alentejanas de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), Monte da Cegonha (Selmes, Vidigueira) e Tourega (Nossa Senhora da Tourega, Évora). In *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet. Setúbal, 7-9 Maio 2004* (Setúbal Arqueológica; 13). Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), pp. 197-224.
- Pinto, I. V.; Morais, R. (2007) – Complemento de comércio das ânforas: cerâmica comum bética no território português. In Lagóstena Barrios, L.; Bernal Casasola, D.; Arévalo, A., eds. – *Cetariae, salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad* (BAR International series, 1686). Oxford / Cádiz: Archaeopress / Universidad de Cádiz, pp. 235-254.
- Pinto, R. de S. (1932) – Etnografia arqueológica: I – antigas contas empregadas como amuletos. *Trabalhos da*

- Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto: Imprensa Portuguesa. III (V), pp. 1-7.
- Pires, A. E.; Detry, C.; Fernandez-Rodriguez, C.; Arruda, A. M.; De Grossi Mazzorin, J.; Valenzuela, S.; Ollivier, M.; Hänni, C.; Simões, F.; Ginja, C. (2017) – Roman dogs from the Iberian Peninsula and the Maghreb – a glimpse into their morphology and genetics. *Quaternary International*. Elsevier Ltd. and International Union for Quaternary Research. 471, pp. 132-146.
- Pires, A. T. (1904) – *Amuletos alentejanos* (Estudos e Notas Elvenses; 5). Elvas: Editor António José Torres de Carvalho.
- Pliego Vázquez, R. (2015-2016) – The circulation of copper coins in the Iberian Peninsula during the Visigothic Period: new approaches. *The Journal of Numismatic Archaeology*. Bruxelles: CEN – Centre Européen d'Études Numismatiques. 5-6, pp. 125-160.
- Pomey, P., dir.; Nieto, X.; Gianfrotta, P. A.; Tchernia, A. (1997) – *La Navigation dans L'Antiquité*. Saint-Rémy-de-Provence (France): Édisud.
- Ponsich, M. (1988) – *Aceite de oliva y salazones de pescado. Factores geo-economicos de Betica y Tingitana*. Madrid: Universidade Complutense.
- Ponsich, M.; Tarradell, M. (1965) – *Garum et industries antiques de salaison dans la Méditerranée Occidentale*. Paris: Press Universitaire de France.
- Público (1992) – *Uma surpresa romana*. Lisboa, 03/11/1992.
- Quaresma, J. C. (2006) – Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR, I.P. 9 (1), pp. 149-166.
- Quaresma, J. C. (2011) – Chronologie finale de la sigillée africaine A à partir des contextes de Chãos Salgados (*Mirobriga?*): différences chronologiques entre l'Orient et l'Occident de l'Empire Romain. In Cau Ontiveros, M. A.; Reynolds, P.; Bonifay, M., eds. – *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 1). Oxford: Archaeopress, pp. 67-86.
- Quaresma, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)* (Estudos e Memórias; 4). Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Quaresma, J. C. (2017a) – A evolução crono-estratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V. In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. Seixal. 17 a 20 de Fevereiro de 2010*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal, pp. 275-306. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/2SiGf8F>).
- Quaresma, J. C. (2017b) – A villa de Frielas na Antiguidade Tardia: evolução estratigráfica entre c. 410 e 525-550 d.C. In Billota, M. A.; Tente, C.; Prata, S., eds. – *O estudo dos manuscritos iluminados e dos artefactos na Arqueologia da Idade Média: metodologias em comparação / Lo studio dei maniscritti e lo studio dei manufatti in archeologia medieval: metodologie a confronto. Atti del workshop internazionale*. Lisbona, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 13 de Fevereiro 2015 (Mediaeval Sophia; 19). Palermo: Officina di Studi Medievali, pp. 425-448.
- Quaresma, J. C. (2017c) – Quinta da Bolacha (Amadora, Lisbonne): la céramique de la villa (dernier tiers du III.^e s. au premier quart du VI.^e s.). In Dixneuf, D., ed. – *LRCW 5-1. 5th International Conference on Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean. Archaeology and Archaeometry. Alexandria. 6-10th April* (Etudes Alexandrines; 44). Alexandria: Centres d'Études Aléxandrines, pp. 43-89.
- Quaresma, J. C. (2018) – Transição estratigráfica em Almoínhas (Loures, Portugal): evolução das importações finas na Lusitania entre c.100 e c.320 d.C. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 199-230.
- Quaresma, J. C. (2018-2019) – From Late Roman to Suevic-Visigothic period at Almoínhas (Loures, Portugal): evolution of fine ware imports and regional imitations between c.350 and 525+ AD. *Oppidum. Cuadernos de Investigación*. Segovia: IE Universidad. 14-15, pp. 255-294.
- Quaresma, J. C. (2019) – Almoínhas: evolução crono-estratigráfica das importações num sítio de consumo da Península de Lisboa, entre c.100 e 525-550 d.C. In Fernández García, M. I.; Gómez Martínez, E., eds. – *La cerámica de mesa romana en sus ámbitos de uso. Terra sigillata hispánica. I Encuentro de Investigadores. Andújar. 19 y 20 de octubre de 2018*. Andújar: Ayuntamiento de Andújar, pp. 299-348.
- Quaresma, J. C. (2020a) – African cooking ware imports and regional imitations between c.100+ and 500+ AD at Almoínhas (Loures, Portugal). In Pérez Gonzáles, C.; Arribas Lobo, P.; Reyes Hernando, O. V., eds. – *Estudios y recuerdos in memoriam Prof. Emilio Illarregui Gómez* (Anejos de Oppidum; 7). Segovia: IE Universidad / Unidad de Arqueología, pp. 277-291.
- Quaresma, J. C. (2020b) – Late contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. In Duggan, M.; Turner, S.; Jackson, M., eds. – *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International Symposium. Newcastle University. March 26-27th 2014* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 15). Oxford: Archaeopress Publishing Ltd., pp. 108-134.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) – Importações cerâmicas no interior da Lusitania durante a Antiguidade

- Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, *Abelterium*). *Pyrenae*. Barcelona: Universitat de Barcelona. 48 (2), pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Morais, R. (2012) – Eastern Late Roman fine ware imports in *Bracara Augusta* (Portugal). In *XXVIIth Congress of the Rei Cretariae Romanae Fautores. Belgrado. 19 a 24 de Setembro de 2010*. Rei Cretariae Romanae Fautores (RCRF), Acta 42, pp. 373-384.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) – An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-FCSH / Universidade Nova de Lisboa | Universidade dos Açores. 1, pp. 82-103.
- Queirós, A.; Gonzalez, A.; Santos, M. C.; Correia, R. (2018) – *Carta do património do Concelho da Moita*. Moita: Câmara Municipal da Moita / DASC / Divisão de Cultura, 1.
- Queiroz, P. F. (2007) – *Estudo Arqueobotânico de materiais recolhidos na estação romana do Pátio da Senhora de Murça, Alfama, Lisboa* (Trabalhos do CIPA; 112). Lisboa: CIPA – IPA.
- Queiroz, P. F. (2009) – Estudo arqueobotânico do depósito do silo 1, sondagem 10. In Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro, M., coords. – *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. *Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA, pp. 155-187.
- Queiroz, P. F.; Leuwaarden, W.V. (2002) – *Estudos de arqueobotânica no concheiro de São Julião, Mafra* (Trabalhos do CIPA; 33). Lisboa: CIPA – IPA.
- Queiroz, P. F.; Mateus, J. E. (2006) – *Acerca das grainhas de uva da idade do ferro de Castro Marim* (Trabalhos do CIPA; 105). Lisboa: CIPA – IPA.
- Queiroz, P. F.; Mateus, J. E.; Mendes, P. M.; Leuwaarden, W.V.; Pereira, T.; Dise, D. P. (2006) – *Castro Marim e o seu território imediato durante a Antiguidade: paleo-etno-botânica – Relatório Final* (Trabalhos do CIPA; 95). Lisboa: CIPA – IPA.
- Ramalho, M.; Pais, J.; Rey, J.; Berthou, P.Y.; Alves, C. A.; Palácios, T.; Leal, N.; Kullberg, M. C. (1993) – *Carta Geológica de Portugal na Escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34-A*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Ramalho, M.; Rey, J.; Zbyszewski, G.; Alves, C. A.; Palácios, T.; Moitinho de Almeida, F.; Costa, C.; Kullberg, M. (2001) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 34-C Cascais*. Lisboa: Departamento de Geologia, Instituto Geológico e Mineiro.
- Ramón Torres, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental* (Col.lecció Instrumenta; 2). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- Raposo, J. (1990) – Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas no Vale do Tejo. In Alarcão, A.; Mayet, F., eds. – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio / Les Amphores Lusitaniennes: typologie, production, commerce*. Coimbra / Paris: Museu Monográfico de Conimbriga / Diff. E. de Boccard.
- Raposo, J. (2017) – As Olarias Romanas do Estuário do Tejo: Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., coords. – *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada, pp. 113-138. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/2SiGf8F>).
- Raposo, J.; Duarte, A. L. (1996) – O Forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In Filipe, G.; Raposo, J., eds. – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Câmara Municipal do Seixal / Publicações Dom Quixote, pp. 249-266.
- Raposo, J.; Fabião, C.; Guerra, A.; Bugalhão, J.; Duarte, A. L.; Sabrosa, A.; Dias, M. I.; Pudêncio, M. I. (2005) – OREsT Project: archaeological and archaeometric research in the low Tejo. In Gurt I Esparraguera, J. M.; Buxeda I Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. – *LRCW 1 – First International Conference on Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry (Barcelona, 2002)* (BAR International Series; 1340). Oxford: BAR Publishing, pp. 37-54.
- Raposo, J.; Sabrosa, A.; Duarte, A. L. (1995) – Ânforas do Vale do Tejo. As Olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete). In *Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Porto: SPAE, pp. 331-352.
- Raposo, J.; Santos, C.; Quaresma, J. C. (2018) – Ateliê da Quinta do Rouxinol (Baixo Tejo – *Lusitania*): produção de ânforas, cerâmica comum e imitações de engobe vermelho não vitrificado. In Járrega Domínguez, R.; Colom Mendoza, E., eds. – *“Figlinae Hispaniae”. Nuevas aportaciones al estudio de los talleres cerámicos de la Hispania romana* (Colección Trama; 6). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 29-75.
- Rapp, G. (2009) – *Archaeomineralogy*. Berlin, Heidelberg: Springer-Verlag, 2.ª edição.
- Remesal Rodríguez, J. (1986) – *La annona militaris y la exportación del aceite bético a Germania*. Madrid: Universidad Complutense.
- Remesal Rodríguez, J. (2010) – De Baetica a Germania, consideraciones sobre la ruta y el comercio atlántico en el Imperio Romano. In Marco Simón, F.; Pina Polo, F.; Remesal Rodríguez, J., eds. – *Viajeros, peregrinos y aventureros en el mundo antiguo*. Barcelona: Publicacions I Edicions de la Universitat de Barcelona, pp. 147-160.
- Remolà Vallverdú, J. A. (2000) – *Las ánforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis)*. *Proyecto*

- Amphorae. Bajo los auspicios de la Real Academia de la Historia* (Col·lecció Instrumenta; 7). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Reynolds, P. (1995) – *Trade in the Western Mediterranean. A.D. 400-700: the ceramic evidence* (Tempvs Reparatum / BAR IS; 604). Oxford: British Archaeological Reports.
- Reynolds, P. (2010) – *Hispania and the Roman Mediterranean. AD 100-700. Ceramics and trade*. London: Duckworth.
- Ribeiro, J. C. (1982-1983) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulius Maelo Caudicus. *Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. Museu Regional de Sintra – Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. I-II, pp. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1990) – *Romanização e Romanidade na «Zona W» do Município Olisiponense*. Sintra: Jornal de Sintra, 9 de março, Fig. 42.
- Ribeiro, L. (1936) – *Alenquer: Subsídios para a sua história*. Lisboa: Câmara Municipal de Alenquer.
- Ribeiro, O. (1940) – Remarques sur la morphologie de la région de Sintra et Cascais. *Revue géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*. Toulouse: Instituts de Géographie des Universités de Toulouse. 11 (3-4), pp. 203-218.
- Ribeiro, O (1977) – *Introduções Geográficas à História de Portugal. Estudo Crítico* (Coleção Estudos Portugueses; 3). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Ribeiro, O ([1978] s/d) – *Geografia e Civilização: Temas Portugueses* (Espaço e Sociedade; 2). Lisboa: Livros Horizonte.
- Rich, J.; Wallace-Hadrill, A., eds. (1991) – *City and Country in the Ancient World*. London / New York: Routledge.
- Ripollès Alegre, P. P. (2002) – La moneda romana imperial y su circulación en Hispania. *AEspA*. Madrid: Editorial CSIC. 75, pp. 195-214.
- Rocha, A., Reprezas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. (2013) – Edifício sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In *Arqueologia em Portugal: 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP, pp. 1011-1018.
- Rocha, A.; Santos, C. (2018) – *Alteração e ampliação de edifício sito na Rua de Santa Marta, n.º 25 – 25A, e Rua Rodrigues Sampaio, n.º 48 (Lisboa). Sondagens Prévias de Diagnóstico. Relatório Preliminar n.º 3*. Lisboa: Arqueohoje – Conservação e Restauro Património Monumental, Lda. Disponível no Arquivo de Arqueologia da DGPC.
- Rodrigues, J. B. (1899) – *O Muyrakytã e os Idolos Symbolicos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, I.
- Rodriguez González, X. (2008) – Moneda de la caetra. Dupondio. In *Pieza del Mês: Noviembre 2008*. Ourense: Museo Arqueológico Provincial [Consult. 30 nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://www.musarqourense.xunta.es/wp-content/files_mf/pm_2008_11esp33.pdf).
- Rosenmüller, J. C.; Tilesius, W. G. (1799) – *Beschreibung merkwürdiger Höhlen. Ein Beitrag zur physikalischen Geschichte der Erde*. Leipzig: Breitkopf und Härtel.
- Ruivo, J. (1993-1997) – Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do século III. *Nummus*. Porto: Sociedade Portuguesa da Numismática. 5, pp. 7-175.
- Ruivo, J. (2008) – *Circulação monetária na Lusitânia do século III*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rütti, B. (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst* (Forschungen in Augst; Band 13/1). Augst: Römermuseum Augst.
- Saa, M. de (1960) – *As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino Pio, III*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória.
- Saa, M. de (1967) – *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio, VI*. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória.
- Sabrosa, A. (2006) – O complexo mineiro de Vale de Gatos (Corroios, Seixal). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 14, pp. 53-59.
- Sabrosa, A.; Bugalhão, J. (2004) – As ânforas béticas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, Lisboa. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. – *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C.-IV d.C.)* (BAR –IS; 1266). Oxford: Archaeopress, pp. 571-586.
- Sabrosa, A.; Henriques, E.; Carvalho, E.; Germano, A. (2012) – Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer). In Pimenta, J., coord. – *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Museu Municipal / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 148-157.
- Salgueiro, R.; Chichorro, M.; Martins, L. (2000) – Ocorrência de ouro nos depósitos pliocénicos da região de Cruz de Pau (Seixal). *Ciências da Terra*. Lisboa: Universidade Nova. 14, 203-212. Disponível em WWW: (URL: <https://bit.ly/3g6DTVk>).
- San Vicente, J. I. (1999) – *Circulación monetaria en Hispania durante el siglo IV d.C.* Madrid: Museo Casa de la Moneda.
- Santos, A. B. (2015) – *A Terra Sigillata e a cerâmica de cozinha africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/24534>).
- Santos, A. B. (2018) – Estudo dos restos faunísticos recuperados em RP'51-RSJ'106 – Criptopórtico. In Mota, N.; Nozes, C.; Caessa, A. – *Intervenção arqueológica na Rua da Prata, 45-51/ Rua de São Julião, 86-106 (Santa Maria Maior/ Lisboa), RP51-RSJ106*. Relatório Final [Policopiado]. Anexo VIII.

- Santos, A. B.; Mota, N. (2020) – Zooarchaeological study of the animal remains from the Roman period recovered in Rua de São Mamede (Lisbon, Portugal). In Valente, M. J.; Costa, C.; Detry, C., eds. – *New Trends in Iberian Zooarchaeology*. Oxford: Archaeopress.
- Santos, A. B.; Pereira, A.; Gomes, J.; Monteiro, N.; Pimenta, J.; Detry, C. (2018) – Estudo das faunas do período Republicano do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Portugal). *CIRA Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Centro de Estudos Arqueológicos / Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 100-126.
- Santos, C. (2009) – *Villa romana da Quinta de São João/Laranjeira: enquadramento estratigráfico dos materiais datantes*. Seminário de curso. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C. (2011) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível no Repositório Institucional da FLUL em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6119>).
- Santos, C.; Raposo, J. (2001) – Novas Galerias em Coina. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª série. 10, p. 12.
- Santos, C.; Raposo, J.; Quaresma, J. C. (2015) – Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal): séculos III-V. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. – *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (do Alto Império à Antiguidade Tardia): Actas do Colóquio. Associação dos Arqueólogos Portugueses. 24 de Novembro de 2012* (Monografias AAP; 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 117-148.
- Scheidel, W. (2013) – Explaining the maritime freight charges in Diocletian's Prices Edict. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 26, pp. 464-468.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2020) – A cerâmica fina do Teatro de Olisipo. *Scaena Revista do Museu de Lisboa Teatro Romano*. Lisboa: Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC. 1, pp. 120-135.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C.; Santos, R. (2014-2015) – LRC (PRSW) e LRD (CRSW) provenientes da escavação de emergência efetuada na villa romana do Alto do Cidreira (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série V. 4/5, pp. 357-393.
- Sepúlveda, E.; Ribeiro, I. (2009) – O espólio de cerâmicas finas de mesa, vidros e lucernas. In Batalha, L.; Cardoso, G.; Caninas, J. C.; Monteiro M., coords. – *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira). Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa: EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA, pp. 29-54.
- Sepúlveda, E.; Sousa, E.; Faria, J. C.; Ferreira, M. (2001) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: 'cerâmicas de verniz negro' e cinzentas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV. 19, pp. 199-234.
- Serra, M. (2021) – Uma moeda de *Caetra* em Serpa. *Al-madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 24-2, pp. 159-161. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/almadan/docs/ao24_2).
- Serrão, E. C. (1994) – *Carta Arqueológica do Concelho de Sesimbra. Do Vilafranquiano Médio até 1200 d.C.* Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 33-36, 46-48, 54, 60, 71-72, 80, 83.
- Shaw, I.; Bloxam, E.; Haldal, T.; Storemyr, P. (2010) – Quarrying and landscape at Gebel el-Asr in the Old and Middle Kingdoms. Recent Discoveries and Latest Researches in Egyptology. In Raffaele, F.; Nuzzolo, M.; Incordino, I., eds. – *Recent Discoveries and Latest Researches in Egyptology: Proceedings of the First Neapolitan Congress of Egyptology. Naples, June 18th-20th 2008*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 293-312.
- Silva, A. A. (1891) – *Estado actual das pescas em Portugal compreendendo a pesca marítima, fluvial e lacustre em todo o continente do reino, referido ao anno de 1886*. Lisboa: Ministério da Marinha e Ultramar.
- Silva, A. R. (2012) – A villa romana de Frielas. In Pimenta, J., coord. – *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 88-102.
- Silva, A. R.; Santos, S. P. (2007) – Villa romana e assentamento proto-histórico (Unhos, Loures). *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 15, pp. 161-163.
- Silva, A. R. P. (1988) – A Paleobotânica na Arqueologia portuguesa: resultados desde 1931 a 1987. In Queiroga, F. M. V. R.; Sousa, I. M. A. R.; Oliveira, C. M., eds. – *Paleoecologia e Arqueologia. Actas do Encontro "Paleoecologia e Arqueologia"*. Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, pp 5-36.
- Silva, B. (2007) – *A implantação romana nas Almoínhas (Loures). Forno 3: contribuições para a compreensão da produção oleira romana*. Relatório final para a obtenção da licenciatura em História, variante de arqueologia. Lisboa: FCSH / UNL [Policopiado].
- Silva, C. (2018) – *O forno Romano da Estrada do Paço do Lumiar* [Consult. em 8/01/2021]. Disponível em WWW: (URL: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2019/03/01/o-forno-ceramico-da-estrada-do-paco-do-lumiar/>).
- Silva, C. M. da (2019) – Geodiversity and sense of place: Local identity geological elements in Portuguese municipal heraldry. *Geoheritage*. Springer-Verlag. 11 (3), pp. 949-960.
- Silva, C. T.; Coelho-Soares, A. (1987) – Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida): campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 8, pp. 221-237.
- Silva, C. T.; Soares, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*

- (Coleção Parques Naturais; 15). Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação de Natureza, pp. 153-203.
- Silva, C. T.; Soares, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Silva, C. T.; Soares, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao século I a.C. In Fernandes, I. C. F.; Santos, M. T., coords. – *Palmela arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, pp. 67-87.
- Silva, C. T.; Soares, J.; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Coelho-Soares, A.; Soria, V. (2019) – Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 18, pp. 215-246.
- Silva, J. D'O. L. (1985) – *Anais da Vila da Ericeira*. Mafra: Câmara Municipal.
- Silva, R. B. (2005) – As “*marcas de oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.). Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Braga [Policopiado].
- Silva, R. B. (2012) – As «*Marcas de Oleiro*» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [Policopiado]. Disponível no Repositório da Universidade Nova (RUN) em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>).
- Silva, R. B. (2015a) – La facies cerámica de Olisipo (Lisboa) en el periodo julio-claudio: una primera aproximación a partir de contextos suburbanos seleccionados In Ruiz Montes, P.; Peinado Espinosa, M. V.; Fernández García, M. I., eds. – *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica* (RLAMP; 11) Oxford: Archaeopress, pp. 3-31.
- Silva, R. B. (2015b) – O contexto alto-imperial da Rua dos Remédios (Alfama, Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J. A., coords. – *Contextos Estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (Monografias AAP; 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2015c) – Um almofariz itálico com “marca de oleiro” de M. Cimonius Saturninus, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. Lisboa: [s.n.], 5, pp. 1-12.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) – Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martínez, S., eds. – *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves – Mértola, 22-27 October 2012)*. Silves: Câmara Municipal de Silves / Campo Arqueológico de Mértola, pp. 455-460.
- Silvino, T.; Bonnet, Ch.; Cécillon, Ch.; Carrara, S.; Robin, L. (2011) – Les mobiliers des campagnes lyonnaises durant l'antiquité tardive: premier bilan. In Kasprzyk, M.; Kuhnle, G.; Alexandre Burgevin, A., dir. – *L'Antiquité tardive dans l'Est de la Gaule, I* (Suppl. Revue d'Archéologie de l'Est; 30). Dijon: ARTEHIS Éditions, pp. 109-172.
- Soares, J.; Silva, C. T. da; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Soria, V. (2019) – Aspectos da presença militar romano-republicana no castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 22, pp. 79-93.
- Soria, V. (2014) – A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/proto-imperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. – *Actas del II Congreso Internacional de SECAH – Ex Officina Hispania: As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. Braga, 3-6 de Abril de 2013 (Monografias Ex Officina Hispania; 2-II). Madrid: Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 75-84.
- Sousa, A. C. (2007) – Novas incorporações de velhas recolhidas. Fragmentos reencontrados da (Pré) História do Penedo do Lexim. *Boletim Cultural' 2006*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 287-333.
- Sousa, A. C. (2008) – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural' 2007*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 411-497.
- Sousa, A. C.; Madeira, A. P.; Sousa, E. (2004) – O sítio Tardo – romano / Alto Medieval de Cabeço dos Palheiros (Igreja Nova, mafra). Notícia da intervenção arqueológica de emergência. *Boletim Cultural' 2003*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 221-267.
- Sousa, A. C.; Miranda, M. (2002) – Do adro da igreja à Junta de Freguesia de Cheleiros. História de uma intervenção arqueológica de emergência. *Boletim Cultural' 2001*. Mafra: Câmara Municipal, pp. 283-332.
- Sousa, A. C.; Sousa, E.; Pereira, C. (2005) – *Casal Cordeiro – 2005*. Relatório final. Arquivo da Câmara Municipal de Mafra [Policopiado].
- Sousa, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M., eds. – *As Produções cerâmicas de Imitação na Hispania*. Actas do II Congresso Internacional de la SECAH – Ex Officina Hispania. Braga, de 3 a 6 de Abril de 2013 (Monografias Ex Officina Hispania; II). Porto / Madrid: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) / Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH). Tomo I, pp. 303-316.

- Sousa, E. M.; Sepúlveda, E. (1999) – Artefactos romanos de seis estações arqueológicas do concelho de Mafra. *Boletim Cultural* 98. Mafra: Câmara Municipal, pp. 35-68.
- Sousa, J. (1789) – *Vestígios da lingua arabica em Portugal, ou lexicon etymologico das palavras, e nomes portugueses que tem origem arabica, composto por ordem da Academia Real das Sciencia de Lisboa*. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 160 pp.
- Sutherland, C. H. V. (1984) – *The Roman Imperial Coinage I: From 31 BC to AD 69*. London: Spink and Son Ltd.
- Tchernia, A. (1986) – *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris: De Boccard.
- Teixeira, C.; Gonçalves, F. (1980) – *Introdução à Geologia de Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Teixeira de Carvalho, J. M. (1920) – *Recordações de Jacome Ratton. Sobre ocorrências do seu tempo, de Maio de 1747 a Setembro de 1810*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Torres, M. A. (1861) – *Descrição histórica e económica da villa e termo de Torres-Vedras: parte histórica*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 2.^a edição.
- Tovar, J. (2012) – Las cerámicas de imitación de sigillata en el occidente de la Península Ibérica durante el siglo V d.C. In Bernal Casasola, D.; Ribera y Lacomba, A., eds. – *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 97-129.
- Trindade, J.; Pereira, A. R.; Metrogos, R. (2006) – Aquisição de dados sobre a dinâmica de praias em diversas escalas temporais. Exemplos no litoral da Estremadura. *Geomorfologia, Ciência e Sociedade*. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos. III, pp. 85-91.
- Tristão, P. (1998) – Vai ficar bonito. *Costa do Sol Jornal*. Cascais, 29/12/98.
- Turcan, J. (1935) – *Defesa e Enxugo dos Campos de Loures. Parte descritiva (Estudos e Projectos)*. Lisboa: Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola do Ministério das Obras Públicas e Comunicações [Policopiado].
- Valdez, J. J. A. (1897) – *Algumas notícias para a descrição histórica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira do concelho de Mafra*. Lisboa: Typographia do Jornal – Dia.
- Vale, A. P.; Monteiro, J. L.; Sabrosa, A. (1999) – *Complexo mineiro de Vale de Gatos (Cruz de Pau): relatório dos trabalhos arqueológicos* [Policopiado].
- Vale, A. P.; Sabrosa, A. (1998) – Galerias em Coima. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a série. 7, p. 10.
- Valenzuela-Lamas, S. (2014) – Mammal remains from the Governor's House (Belém Tower, Lisbon) and Rua dos Correeiros (Baixa, Lisbon) in the context of fish processing factories in Lusitania. In Detry, C.; Dias, R., eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: Archaeopress, pp. 57-68.
- Van Neer, W.; Ervynck, A.; Monsieur, P. (2010) – Fish bones and amphorae: evidence for the production and consumption of salted fish products outside the Mediterranean region. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press. 23, pp. 161-195.
- Vandelli, A. A. (1831) – Additamentos ou notas á Memoria Gnostica, ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas que compõem os terrenos desde a Serra de Cintra até á da Arrábida. *Memórias da Real Academia das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typografia da Academia. 11, pp. 281-306.
- Vargas, J. M. (1999) – O património das Ordens Militares em Lisboa, Sintra e Torres Vedras, segundo uma inquirição do reinado de D. Afonso II. In Fernandes, I. C. F., coord. – *Ordens militares: guerra, religião, poder e cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares. Palmela. 22 a 25 de Janeiro de 1998* (Actas & Colóquios; 17). Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela. 2, pp. 106-129.
- Vasconcelos, J. L. de (1927) – *De terra em terra. Excursões arqueológico-etnográficas através de Portugal (Norte, Centro e Sul)*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2 vols.
- Veiga, E. da (1879) – *Antiguidades de Mafra*. Mafra: Mar de Letras.
- Viegas, C. (2003) – *Terra sigillata da Alcáçova de Santarém – Economia, comércio e cerâmica* (Trabalhos de Arqueologia; 26). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) – *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [Policopiado].
- Weber, M. (1982) – *La Ville*. Paris: Aubier.
- Wheeler, A.; Jones, A. (1989) – *Fishes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wrench, L. (2018) – Pavimentos musivos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS). 17, pp. 99-105.
- Yu, H.; Jamieson, A.; Hulme-Beaman, A.; Conroy, C. J.; Knight, B.; Speller, C.; Al-Jarah, H.; Eager, H.; Trinks, A.; Adikari, G.; Baron, H.; Böhlendorf-Arslan, B.; Bohingamuwa, W.; Crowther, A.; Cucchi, T.; Esser, K.; Fleisher, J.; Gidney, L.; Gladilina, E.; Gol'din, P.; Goodman, S. M.; Hamilton-Dyer, S.; Helm, R.; Hillman, C.; Kallala, N.; Kivikero, H.; Kovács, Z.; Kunst, G. K.; Kysely, R.; Linderholm, A.; Maraoui-Telmini, B.; Morales-Muñiz, A.; Nabais, M.; O'Connor, T.; Oueslati, T.; Quintana Morales, E. M.; Pasda, K.; Perera, J.; Perera, N.; Radbauer, S.; Ramon, J.; Rannamäe, E.; Sanmartí Grego, J.; Treasure, E.; Valenzuela-Lamas, S.; Van der Jagt, I.; Van Neer, W.; Vigne, J.-D.; Walker, T.; Wynne-Jones, S.; Zeiler, J.; Dobney, K.; Boivin, N.; Searle, J. B.; Kyoram, B. K.; Krausel, J.; Larson, G.; Orton, D. C. (2021) – Palaeogenomic

analysis of black rat (*Rattus rattus*) reveals multiple European introductions associated with human economic history. *bioRxiv*. Laurel Hollow, Nova Iorque: Cold Spring Harbor Laboratory. Disponível em WWW: (URL: <https://doi.org/10.1101/2021.04.14.439553>).

Zbyszewski, G. (1955) – *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa na escala 1/50 000. Notícia explicativa da folha 3, Cascais*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

Recursos eletrónicos

Amphoræ ex Hispania. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Disponível em WWW: (URL: <http://amphorae.icac.cat/>).

INETI – Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia, I.P. – *Rochas Ornamentais Portuguesas. Rochas sedimentares – Lioz* [Consult. 28 novembro 2020]. Disponível em WWW: (URL: <https://rop.lneg.pt/rop/FormProduto.php>).

IPMA – Instituto Português do Mar e da Atmosfera, 2021 – *Sardinha*. Disponível em WWW: (URL: <https://www.ipma.pt/pt/pescas/recursos/sardinha/?print=true>).

Isidorus Hispalensis – *Etymologiarum Sive Originum. Isidori Hispalensis Episcopi* – a W. M. Lindsay editi apud Typographeum Clarendonianum, Oxonii, MCMXI – *Liber XVI: De Lapidibus et Metallis*. Disponível em WWW: (URL: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Isidore/16*.html).

Plinius Secundus – *Tratado de las Piedras Preciosas, y las Gemas y Joyas. Libro XXXVII de la Historia Natural de Plinio El Viejo* (tradução espanhola). Disponível em WWW: (URL: http://www.historia-del-arte-erotico.com/Plinio_el_viejo/libro37.htm).

Pomponius Mela – *De Chorographia. Liber Tertius*. Disponível em WWW: (URL: <https://www.thelatinlibrary.com/pomponius3.html>).

RAMPPA – Rede de Excelência Atlântico-Mediterrânea do Património de Pesca da Antiguidade. Disponível em WWW: (URL: <http://ramppa.uca.es/>).

Repositório Institucional da Universidade de Lisboa (FLUL). Disponível em WWW: (URL: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/52>).

Repositório Institucional da Universidade Nova de Lisboa (FCSH). Disponível em WWW: (URL: <https://run.unl.pt/>).

Vias Romanas de Portugal – Itinerários Romanos [consultado em 21/11/2020]. Disponível em WWW: (URL: Itinerários das Vias Romanas em Portugal).

Wikipédia – *Rio Trancão* [consultado em 27/11/2020]. Disponível em WWW: (URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tranc%C3%A3o).

Lista de Autores

AMÍLCAR GUERRA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de História da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
aguerra@campus.ul.pt

ANA BEATRIZ SANTOS

Arqueóloga – Profissional Independente
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
asantos5@campus.ul.pt

ANA CATARINA SOUSA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
sousa@campus.ul.pt

ANA CRISTINA FARINHA

Unidade de Património e Museologia | Divisão de Cultura | Departamento de Cultura, Educação e Juventude | Câmara Municipal de Loures
cristina_oliveira@cm-loures.pt

ANDREIA CONCEIÇÃO

Museu Marítimo de Sesimbra | Câmara Municipal de Sesimbra
Andreia.Conceicao@cm-sesimbra.pt

ANTÓNIO FIALHO

Núcleo de Património Histórico e Cultural | Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico | Câmara Municipal de Cascais
antonio.fialho@cm-cascais.pt

ANTÓNIO GONZALEZ

ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora
ARHA – Associação Regional de História e Arqueologia
antonio_guilherme10@hotmail.com

ARTUR ROCHA

Arqueólogo – Profissional Independente
artur.j.rocha@gmail.com

CARLOS COSTA

Amphora – Arqueologia, Ld.^a
eri.carlos.costa@gmail.com

CARLOS FABIÃO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
cfabiao@campus.ul.pt

CARLOS MARQUES DA SILVA

Instituto Dom Luiz | Departamento de Geologia | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
cmsilva@fc.ul.pt

CARLOS PEREIRA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
carlos_samuel_pereira@hotmail.com

CAROLINA GRILO

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
ramosgrilo.carolina@gmail.com

CATARINA VIEGAS

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
c.viegas@letras.ulisboa.pt

CÉZER SANTOS

Gabinete de Projetos de Património – Ecomuseu Municipal do Seixal | Câmara Municipal do Seixal
cezer.santos@cm-seixal.pt

CLEIA DETRY

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
cdetry@gmail.com

CRISTINA NOZES

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa | Departamento de Património Cultural | Direção Municipal da Cultura | Câmara Municipal de Lisboa
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

EVA LEITÃO

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa | Departamento de Património Cultural | Direção Municipal da Cultura | Câmara Municipal de Lisboa
eva.leitao@cm-lisboa.pt

GISELA ENCARNÇÃO

Museu Municipal de Arqueologia | Divisão de Intervenção Cultural | Departamento de Educação e Desenvolvimento Social | Câmara Municipal da Amadora
museu.arqueologia@cm-amadora.pt

GRAÇA CRAVINHO

ARTIS – Instituto de História da Arte | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
graca.silvester@gmail.com

Lista de Autores (cont.)

GUILHERME CARDOSO

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa |
Departamento de Património Cultural | Direção
Municipal da Cultura | Câmara Municipal de Lisboa
guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

ISABEL CRISTINA F. FERNANDES

Museu Municipal de Palmela | Divisão de Bibliotecas e
Património Cultural | Câmara Municipal de Palmela
IEM – Instituto de Estudos Medievais |
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História,
Culturas e Sociedades | Universidade de Évora
ifernandes@cm-palmela.pt

JOÃO PIMENTA

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
joao.marques@cm-vfxira.pt

JORGE RAPOSO

Gabinete de Projetos de Património – Ecomuseu
Municipal do Seixal | Câmara Municipal do Seixal
Centro de Arqueologia de Almada
jorge.raposo@cm-seixal.pt

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM – Centro de Humanidades |
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
josecarlosquaresma@gmail.com

LUIS FERREIRA

Unidade Técnica de Estudos e Candidaturas
| Câmara Municipal de Sesimbra
ARTIS – Instituto de História da Arte | Faculdade
de Letras da Universidade de Lisboa
luis.ferreira@cm-sesimbra.pt

LUÍSA BATALHA

Arqueóloga – Profissional Independente
batalhaluisa5@gmail.com

MARTA MIRANDA

Área de Arqueologia | Camara Municipal de Mafra
arqueopedagogia@cm-mafra.pt

MICHELLE TEIXEIRA SANTOS

Museu Municipal de Palmela | Divisão de Bibliotecas
e Património Cultural | Câmara Municipal de Palmela
mtsantos@cm-palmela.pt

MIGUEL CORREIA

Museu Municipal de Palmela | Divisão de Bibliotecas e
Património Cultural | Câmara Municipal de Palmela
Câmara Municipal de Alcochete
mfcorreia@cm-palmela.pt

NOÉ CONEJO DELGADO

Departamento de Prehistoria y Arqueologia
| Universidad de Sevilla
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
nconejo@us.es
ccvdenoe@hotmail.com

RUI ALMEIDA

UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Museu Municipal de Loulé | Câmara
Municipal de Loulé
rui.dealmeida@gmail.com

SEVERINO RODRIGUES

Núcleo de Património Histórico e Cultural |
Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património
Histórico | Câmara Municipal de Cascais
severino.rodrigues@cm-cascais.pt

SÓNIA GABRIEL

Laboratório de Arqueociências – Direção
Geral do Património Cultural
CIBIO-InBIO – Centro de Investigação
em Biodiversidade e Recursos Genéticos
| Universidade do Porto
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
sgabriel@dgpc.pt

VANESSA DIAS

Museu Municipal de Arqueologia | Divisão
de Intervenção Cultural | Departamento
de Educação e Desenvolvimento Social
| Câmara Municipal da Amadora
museu.arqueologia@cm-amadora.pt

VICTOR FILIPE

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de
Lisboa | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA

João Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA

Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

António Marques

COORDENAÇÃO GERAL

Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO

ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e
Gestão de Património Ld.a; Câmara Municipal
de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer;
Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal

da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos
Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara
Municipal de Loures; Câmara Municipal de
Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara
Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de
Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara
Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de
Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras;
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira;
Centro de Arqueologia de Almada; Direção
Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/
Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/
Museu Nacional de Arqueologia (MNA);
EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de
Gestão de Equipamentos e Animação Cultural
(E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e
Exploração de Parqueamentos, S.A.; Empatia
– Arqueologia Ld.a; Eon – Indústrias Criativas
Ld.a; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era
– Arqueologia, Conservação e Gestão de
Património S.A.; Geopark / Naturtejo da Meseta
Meridional; Geopark / UNESCO / Organização
das Nações Unidas para a Educação, Ciência e
Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) /
Nau | Hotels & Resorts; Museu Arqueológico
do Carmo / Associação dos Arqueólogos
Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de
Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia
do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo
Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)
/ Fundação Milllennium BCP; Neoépica –
Arqueologia e Património Ld.a; The 7 Hotel

(Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de
Serviços Financeiros e Investimentos Ld.a;
Egas Moniz – Cooperativa de Ensino Superior
/ Instituto Universitário Egas Moniz / Centro
de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz
(CIIEM); Universidade de Aveiro – Unidade de
Investigação em Governança, Competitividade
e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra
/ Faculdade de Letras / Centro de Estudos de
Arqueologia, Artes e Ciências do Património
(CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório
Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de
Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de
Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento
de Geologia; Universidade de Lisboa /
Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade
de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de
Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa
(CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de
Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS);
Universidade de Lisboa / Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP);
Universidade Nova de Lisboa / Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de
Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova
de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas / Centro em Rede de Investigação
em Antropologia (CRIA); Universidade Nova
de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO

Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*:
A cidade produtora (e consumidora).

COORDENAÇÃO DO VOLUME

Carlos Fabião – UNIARQ / FLUL
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Guilherme Cardoso – CAL / CDP / DMC / CML

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA

Amílcar Guerra
Ana Beatriz Santos
Ana Catarina Sousa
Ana Cristina Farinha
Andreia Conceição
António Fialho
António Gonzalez
Artur Rocha
Carlos Costa
Carlos Fabião
Carlos Marques da Silva
Carlos Pereira
Carolina Grilo
Catarina Viegas
Cêzer Santos
Cleia Detry
Cristina Nozes
Eva Leitão
Gisela Encarnação
Graça Cravinho
Guilherme Cardoso
Isabel Cristina F. Fernandes
João Pimenta

Jorge Raposo

José Carlos Quaresma

Luís Ferreira

Luísa Batalha

Marta Miranda

Michelle Teixeira Santos

Miguel Correia

Noé Conejo Delgado

Rui Almeida

Severino Rodrigues

Sónia Gabriel

Vanessa Dias

Victor Filipe

REVISÃO DE TEXTOS

Carlos Fabião – UNIARQ / FLUL
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Inês Viegas – DPC / DMC / CML
Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Inês Morais Viegas (coord.) – DPC / DMC / CML
Cristina Nozes – CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão – CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa,
autores dos textos de cada volume
e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO

José Ribeiro

DESENHOS DE CAPA

Reconstituição hipotética do conjunto de
unidades de preparados de peixe do NARC
(© Clementino Amaro / António José Cruz |
IPPAR. atual DGPC).
Principais tipos anfóricos representados em
Olisipo (© Victor Filipe).

ISBN

978-989-658-722-2

DATA DE EDIÇÃO

11.2021

DEPÓSITO LEGAL

463308/19

TIRAGEM

1.500 exemplares

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
<https://twitter.com/LisboaRomana>